



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Instituto de Tecnologia
e Arquitetura e Urbanismo



TALITTA BINDÃO REITZ

REQUALIFICAÇÃO DA PAISAGEM DO CENTRO POLITÉCNICO DA UFPR

CURITIBA

2011

TALITTA BINDÃO REITZ

REQUALIFICAÇÃO DA PAISAGEM DO CENTRO POLITÉCNICO DA UFPR

Monografia apresentada à disciplina Orientação de Pesquisa (TA040) como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, Setor de Tecnologia, da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

ORIENTADOR:

Prof. Dr. Roberto Sabatella Adam

CURITIBA

2011

FOLHA DE APROVAÇÃO

Orientador:

Professor Doutor Roberto Sabatella Adam

Examinador :

Professor Doutor Alessandro Filla Rosaneli

Examinador :

Professor Doutor Paulo Chiesa

Monografia defendida e aprovada em:

Curitiba, 29 de junho de 2011.

Dedico este trabalho aos que acreditaram em mim.

A meu pai, que ouviu com paciência e orientou com sabedoria.

A minha mãe, que ajudou com dedicação e motivou com carinho.

A minha irmã, pelo apoio constante, pelos conselhos e pela compreensão.

A meu namorado, pelo companheirismo, pela cumplicidade e pelo incentivo.

Agradeço este trabalho a meu orientador,
Professor Roberto Sabatella Adam,
por ter aceitado me auxiliar nessa tarefa,
com incentivos constantes e sugestões essenciais.

Agradeço aos professores do Curso de Arquitetura e Urbanismo,
em especial àqueles que lecionaram a disciplina de Paisagismo, por terem sido
fundamentais no despertar do meu interesse pela arquitetura paisagística.

Finalmente, agradeço aos meus amigos Juliana, Nicolas, Tamy e Thânia,
que estiveram presente nos momentos bons e ruins, me animando sempre.

A vida deveria ser uma celebração contínua, um festival de luzes por todo o ano. Somente então você pode se desenvolver, você pode florir. Transforme pequenas coisas em celebração. Tudo o que você faz deveria expressar a si próprio, deveria ter a sua assinatura. Então a vida se torna uma celebração contínua.

Osho

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	01
1.1 JUSTIFICATIVA	01
1.2 OBJETIVOS	03
1.2.1 Objetivo geral	03
1.2.2 Objetivos específicos	03
1.3 METODOLOGIA	04
1.4 ESTRUTURA	05
2 CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA	07
2.1 PAISAGEM	07
3 ANÁLISE DE CORRELATOS	15
3.1 ESTUDO DE CASO INTERNACIONAL.....	15
3.2 ESTUDO DE CASO MUNICIPAL.....	29
3.3 CONSIDERAÇÕES	39
4 ANÁLISE DA REALIDADE	41
4.1 CURITIBA	41
4.1.1 Aspectos geográficos	41
4.1.2 Sistemas viário	42
4.1.3 Aspectos político-administrativos	45
4.1.4 Aspectos demográficos e sociais	47
4.1.5 Hidrografia	47
4.1.6 História e planejamento urbano	48
4.2 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR	53
4.3 CENTRO POLITÉCNICO	60
4.3.1 Rubens Meister	61
4.3.2 Inserção urbana	66
4.3.3 Plano Diretor	67
4.3.3.1 Diretrizes gerais para a UFPR	70
4.3.3.2 Uso e ocupação do solo da UFPR	71
4.3.5.3 Diretrizes gerais para o <i>Campus</i> III.....	71
4.3.3.4 Planos complementares	73
5 DIRETRIZES DE PROJETO	74
5.1 OBJETIVOS	74
5.1.1 Objetivo geral	74
5.1.2 Objetivos específicos	74
5.2 DIRETRIZES	75
5.3 METODOLOGIA DE PROJETO	76
5.4 PLANO DE TRABALHO	76
5.5 CONSIDERAÇÕES	78
6 CONCLUSÃO	79
7 REFERÊNCIAS	80
7.1 BIBLIOGRAFIA	80
7.2 WEBGRAFIA	81
8 ANEXOS	82

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia consiste em um estudo de caráter teórico que tem por finalidade fornecer embasamento adequado para permitir a elaboração coerente do projeto de Requalificação da Paisagem do Centro Politécnico da Universidade Federal do Paraná (UFPR), tema escolhido para o Trabalho Final de Graduação (TFG) da autora.

1.1 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema para o TFG foi norteada por diversos fatores. Em 2012 será comemorado o centenário da fundação da UFPR, data marcante para a consolidação de uma trajetória extremamente significativa para curitibanos e paranaenses. Trata-se de uma comemoração histórica, que convida alunos e professores a refletirem quanto à relevância da instituição e da sua ampla contribuição sócio-cultural, que pode ser classificada em direta e indireta. Os *beneficiários diretos* da universidade constituem-se na comunidade acadêmica, que tem acesso gratuito ao conhecimento e à tecnologia, utilizando-os em prol da qualificação profissional e da realização de pesquisas. Por outro lado, os

beneficiários indiretos do bom ensino serão, por exemplo, já não os médicos, mas seus pacientes, já não os professores do ensino elementar e médio, mas seus alunos, já não os engenheiros e arquitetos, mas quem vá morar nas casas que eles construirão. É evidente que os beneficiários indiretos são mais numerosos – e, por que não, mais importantes – do que os beneficiários diretos. (BURMESTER (org.) *et al.*, 2002, p. 96)

Isto posto, a autora aproveita o momento histórico propício para propor uma releitura da função e do significado da universidade para seus numerosos beneficiários, com o objetivo de expressar esse reconhecimento no projeto do TFG.

A influência da universidade certamente não abrange apenas a esfera sócio-cultural, mas também a esfera física. As edificações pertencentes à UFPR destacam-se com significativa preponderância no espaço da cidade, consistindo em eixos de atração de pessoas e investimentos que geram impactos positivos e negativos no contexto urbano. Além disso, as características arquitetônicas e paisagísticas de cada unidade de ensino constituem em aspectos de significativa influência psicológica. Os alunos da instituição frequentam a universidade durante anos, enquanto os professores e servidores podem chegar a fazê-lo durante décadas. Tratam-se de períodos consideráveis de tempo, é, portanto, pertinente assumir que a qualidade do espaço - ou a ausência dela - se reflete diretamente na qualidade da vivência dos usuários e até mesmo em seu desempenho acadêmico, influenciando comportamentos e moldando hábitos.

No decorrer dos cinco anos em que cursou Arquitetura e Urbanismo a autora pôde vivenciar em seu cotidiano as dinâmicas estudantis que caracterizam o Centro Politécnico, observando de perto suas deficiências e potencialidades. A partir dessa experiência foi possível constatar a importância da busca pela qualidade desse espaço. Quando se conclui que a organização espacial do Centro Politécnico pode proporcionar impactos positivos ou negativos no cotidiano dos universitários, é natural que venha à tona a preocupação quanto à negligência com a qual o *campus* tem sofrido ao longo dos anos, tanto pelos mantenedores, quanto pelos usuários.

Deixando de lado as questões que fogem ao alcance do presente trabalho, como a escassez de recursos financeiros e as intenções políticas que regem a organização do espaço, é importante analisar as principais premissas do projeto do *campus* e a forma como foi administrado desde o início da sua trajetória. Essa atitude é necessária para que se possam identificar equívocos, inconformidades, intervenções e posturas inadequadas, além de novas demandas - observações que conduzirão à procura de soluções adequadas para os problemas atuais, visando a atingir a requalificação do espaço. Essa análise será realizada no presente TFG, de forma direcionada à requalificação da *paisagem*.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

O objetivo geral desta monografia é reunir e estudar as diversas questões relacionadas ao tema de forma a consolidar o embasamento teórico adequado para a elaboração do projeto de Requalificação da Paisagem do Centro Politécnico da UFPR.

1.2.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos desta monografia são:

a) Estudar e entender os conceitos de *paisagem* e *paisagismo*, a partir da análise do processo histórico e das principais tipologias e correntes de pensamento a respeito do assunto.

b) Pesquisar casos correlatos entendendo as condicionantes, deficiências e potencialidades que nortearam a elaboração dos projetos, identificando semelhanças e diferenças com o tema do TFG. A fim de traçar diretrizes de projeto coerentes com a realidade, serão analisadas as soluções empregadas com sucesso nesses casos, avaliando a possibilidade de adotá-las e descartando as soluções consideradas inadequadas.

c) Pesquisar e analisar a história e as características de Curitiba, a fim de que seja possível compreender as condições socioculturais, econômicas e ambientais que determinaram o desenvolvimento da atividade de planejamento urbano da cidade, relacionando-as com o histórico de planejamento do *campus*.

d) Pesquisar a trajetória da UFPR, analisando a importância da instituição para a história da cidade, do estado e do país.

e) Pesquisar a trajetória do Centro Politécnico, analisando as suas características físicas - localização, contexto, entorno, sítio, morfologia, implantação, arquitetura - e o seu contexto sócio-cultural e econômico.

f) Pesquisar características da realidade do Centro Politécnico, os usos, os fluxos e as dinâmicas a fim de determinar as principais condicionantes, deficiências e potencialidades.

g) Determinar, a partir dos estudos realizados, as principais questões a serem trabalhadas, estabelecendo os objetivos gerais e específicos do projeto de Requalificação da Paisagem do Centro Politécnico da UFPR.

h) Estabelecer diretrizes gerais de projeto, enquadrando-as num plano de trabalho a ser seguido na segunda etapa da realização do TFG.

1.3 METODOLOGIA

A metodologia de trabalho empregada na concepção do presente trabalho de pesquisa consistiu primordialmente na pesquisa documental, a partir da qual foi possível realizar coleta de dados quantitativos e qualitativos. Os dados quantitativos permitiram analisar os temas abordados sob um viés objetivo, na medida do possível, necessário para esclarecer questões desconhecidas e prevenir que se incorra em julgamentos precipitados e conceitos pré-estabelecidos. Os dados qualitativos permitiram conduzir a análise de maneira bastante permeada por observações diversas sobre as questões tratadas, discorrendo acerca de opiniões enunciadas pelos autores das obras consultadas - arquitetos, paisagistas, historiadores, etc. – e explicitando reflexões da própria autora, conferindo uma dimensão mais subjetiva e pessoal ao trabalho.

A coleta de dados se fez via consulta bibliográfica, webgráfica e também através do requerimento de informações em instituições específicas, como o Instituto

de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC) e a Prefeitura da Cidade Universitária (PCU), no Centro Politécnico.

Além da pesquisa documental, foram realizadas entrevistas informais não estruturadas com profissionais relacionados ao tema, cujo objetivo foi a apropriação pela autora das questões envolvidas no trabalho, não tendo a finalidade de reforço documental.

O projeto de requalificação do TFG tem como objeto o Centro Politécnico, local escolhido pelos motivos explicitados anteriormente na justificativa, sendo um deles a relação com o cotidiano estudantil da autora. Sendo assim, foram realizadas visitas constantes ao local nos últimos cinco anos, com frequência praticamente diária, podendo-se dizer que há bastante familiaridade com o local. Entretanto, essas visitas não apresentavam caráter de observação e estudo, o que se fez necessário a partir do início da elaboração deste trabalho. Sendo assim, foram realizadas também algumas visitas informais com propósito de observação da realidade e exploração de ambientes previamente desconhecidos.

1.4 ESTRUTURA

O presente trabalho estrutura-se em quatro partes principais: Conceituação Temática, Análise de Correlatos, Análise da Realidade e Diretrizes de Projeto.

A Conceituação Temática consiste em um estudo abrangente dos principais conceitos relacionados a este trabalho: *paisagem* e *paisagismo*. Com base em estudos de diversos arquitetos paisagistas, os assuntos serão tratados tanto do ponto de vista teórico – através da análise dos principais objetos de intervenção paisagística: o jardim, a praça e o parque – quanto histórico – com a elaboração de um panorama geral da evolução do paisagismo no mundo e no Brasil.

Na Análise de Correlatos serão estudados dois exemplos de projetos relacionados ao tema da monografia. O primeiro, um estudo de caso internacional, aborda a intervenção em um trecho específico do *campus* da Universidade do Texas,

em Dallas, projetada pelo arquiteto Peter Walker. O segundo, um estudo de caso municipal, não ilustra um objeto de requalificação propriamente dito, mas sim o projeto da Universidade Positivo em Curitiba, em que o arquiteto, Manoel Coelho, apresenta profundas preocupações com a paisagem desde sua implantação e traça diretrizes de ordenação do *campus* que podem ser tomadas como referencial para o projeto deste TFG.

A Análise da Realidade consistirá em um capítulo bastante abrangente, por tratar de diversos elementos teóricos necessários para a contextualização do tema, a saber: o panorama geral da cidade de Curitiba e da Universidade Federal do Paraná, a trajetória do arquiteto Rubens Meister, responsável pela concepção do Centro Politécnico e, finalmente, aspectos específicos do *campus* como análise do Plano Diretor e de condicionantes, deficiências e potencialidades determinantes no traçado das diretrizes projetuais.

Por fim, serão determinadas as Diretrizes de Projeto, embasadas na coleta de informações e estudos teóricos realizados, que nortearão as principais premissas a serem seguidas na elaboração do projeto. Nesse ponto, serão determinados os objetivos gerais e específicos, relacionando-os às diretrizes definidas. Além disso, será estipulada a metodologia empregada na elaboração do projeto e o plano de trabalho a ser seguido na próxima etapa do TFG.

2 CONCEITUAÇÃO TEMÁTICA

2.1 PAISAGEM

pai.sa.gem *sf.* **1.** Espaço de terreno que se abrange num lance de vista. **2.** Pintura, gravura ou desenho que representa uma paisagem.

pai.sa.gis.mo *sm.* **1.** Representação da paisagem por pintura ou desenho. **2.** Projeto arquitetônico para a paisagem de um ambiente.

pai.sa.gis.ta *s2g.* **1.** Pessoa que pinta paisagens. **2.** Pessoa que projeta áreas verdes e jardins.

pai.sa.gis.ti.ca *sf.* A arte do paisagista. (AURÉLIO, 2001)

As diversas definições de paisagem encontradas no dicionário não são capazes de abranger a vasta gama de sentidos e reflexões que a palavra gera. As definições traçadas parecem muito simplistas se consideradas as questões que envolvem a paisagem. São objeto de estudo as influências que a paisagem exerce sobre o homem e as influências das ações do homem sobre a paisagem.

Sun Alex (2008) explica as origens da palavra da seguinte maneira:

A palavra *landscape* apareceu na língua inglesa somente no século XII, bem depois do ressurgimento das cidades pós-Idade Média. De acordo com o *Oxford English Dictionary*, o termo *landscape* surgiu em 1603 como derivação do holandês *landskip* (1598), expressão associada a um estilo de pintura, para designar 'uma representação do cenário natural terrestre'. A paisagem se tornaria um conceito essencialmente estético. (MARX *apud* ALEX, 2008, p. 62)

Diferentemente das idéias de belo ou sublime imbuídas na palavra *landscape*, o termo 'paisagem', em português, é mais antigo e tem um sentido territorial bem mais amplo, o que faz com que a explicação (em aula) do significado de 'paisagismo' como derivação de *landscape* será sempre um desafio. A palavra 'paisagem', como seu correspondente francês *paysage*, possui um sentido de nação e identidade cultural, uma imagem que é também refletida no uso do termo inglês *country* para indicar tanto a nação como aquilo que não é a cidade. (CORNER *apud* ALEX, 2008, p. 64)

Conforme enunciado acima, o termo em inglês surgiu a partir da atividade de registrar em pinturas os cenários naturais que despertavam algum tipo de interesse.

Entretanto, tratar a paisagem como mera sensibilizadora do sentido da visão é limitar a sua essência, pois ela é capaz de sensibilizar todos os sentidos em conjunto ou separadamente, provocando emoções que podem ser positivas, negativas ou indiferentes.

O sentido associado ao termo em português apresenta significado mais profundo, relacionado não aos sentidos, mas às idéias geradas a partir da observação ou evocação da paisagem. Sentido de *nação e identidade cultural* são conceitos subjetivos, um dos muitos que podem ser provocados pela apreciação da paisagem.

A paisagem não é o espaço em si, mas o elemento qualificador do espaço, na medida em que pode suscitar diferentes interpretações. Sendo assim, o objeto de estudo do presente trabalho consiste em um conceito bastante abstrato, que por essa razão motivou o aparecimento de posturas de trabalho distintas – complementares ou opostas – por parte dos profissionais que atuam na área de paisagismo.

A respeito das origens do paisagismo, Sun Alex (2008) expõe as seguintes considerações:

O paisagismo (*landscape architecture*) teria surgido na Inglaterra no começo do século XVIII a partir dos 'jardins paisagens' (*landscape gardens*) [...] nascidos da combinação de poesia, pintura e jardinagem, eram também associados aos ideais de beleza, cultura superior e poder. A apreciação da paisagem *picturesque* no século XVIII estava condicionada ao conhecimento prévio da pintura – a paisagem não existia antes de ser 'pintada', e a aquisição do 'bom gosto' para apreciar a paisagem dependia não apenas da educação, mas também da posição social e da ocupação. [...] As paisagens recriadas eram expressões das teorias estéticas que sublinhavam o 'belo', o 'sublime' e o '*picturesque*'. (ALEX, 2008, p. 62)

Landscape architect, como palavra e categoria profissional, foi uma expressão cunhada por Frederick L. Olmstead (1822-1903) na ocasião da criação do Central Park (1857-1858) em Nova York. (ALEX, 2008, p. 65)

O surgimento da atividade profissional de paisagismo (*landscape architecture*) está relacionado ao ressurgimento da apreciação da beleza, com o

declínio do regime da Idade Média, período em que se reassume o gosto pelas coisas mundanas, a beleza palpável e não necessariamente associada à ideia de divindade. Além disso, o interesse pelas artes em geral era condição despertada apenas nos meios sociais mais elevados, constituindo em sinal de boa educação e prosperidade. Assim, o início da atividade paisagística é marcado pelo seu caráter elitista, aspecto que irá se reproduzir no decorrer da trajetória do paisagismo, não sendo diferente o que acontece no caso do Brasil.

A história do paisagismo brasileiro tem seu esboço inicial a partir do século XVII. Apesar de o Brasil ter sido colonizado pelos portugueses, as primeiras evidências de preocupação com relação à paisagem brasileira se deram a partir de trabalhos holandeses de reconhecimento do território:

Entre 1637 e 1644 [...] Maurício de Nassau, estabeleceu na cidade do Recife uma possessão holandesa e trouxe consigo diversos naturalistas, que realizaram extensa documentação sobre a flora, fauna, geografia, observações astronômicas e meteorológicas. [...] Dentro desse espírito de curiosidade naturalista, Nassau foi o criador do primeiro jardim botânico na América, por volta de 1642, na cidade do Recife. Todavia, pouco sabemos a respeito desse jardim, senão pelos relatos [...]. (FARAH (org.) *et al.*, 2010, p. 36)

Não se sabe muito a respeito da atividade paisagística no Brasil até o século XVIII, devido à escassez de iniciativas relevantes ou de registros documentais, apenas é possível notar, por meio de obras e relatos diversos, um deslumbramento geral pela natureza exuberante e pela diversidade de espécies existentes no país. Um exemplo marcante da exaltação da paisagem brasileira está no poema *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias, escrito em 1843, quando o autor se ausentou do país para cursar Direito na Universidade de Coimbra, em Portugal.

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.
(Canção do Exílio – Gonçalves Dias)

O primeiro jardim urbano construído no Brasil – único jardim remanescente do período colonial - foi o Passeio Público do Rio de Janeiro. Até então, os espaços públicos abertos existentes limitavam-se a largos ou praças centrados em função de alguma edificação de uso oficial ou religioso, como o pelourinho, o paço, a câmara e cadeia, o quartel ou a matriz. O Passeio Público consistiu pela primeira vez em um espaço – e por quase um século o único – que, além de não ter por função o estabelecimento de um símbolo da autoridade portuguesa, destinava-se essencialmente à contemplação da natureza – a vegetação e o mar¹.

A sede do vice-reinado foi transferida de Salvador para o Rio de Janeiro em 1763 e alguns anos mais tarde foi ordenada a construção do Passeio Público. Tal fato consistiu na primeira demonstração de uma postura projetual constante no âmbito brasileiro, que consiste na adoção arbitrária de modelos estrangeiros de tratamento paisagístico, que não necessariamente se enquadram no contexto sócio-cultural, político e econômico do país.

O Passeio Público foi contemporâneo ao surgimento dos primeiros jardins públicos europeus, na segunda metade do século XVIII, símbolos do pensamento iluminista a invocar práticas sociais em que a aristocracia e a burguesia encontravam um lugar comum. Surpreendentemente foi, em plena vigência do colonialismo português, o vice-rei do Brasil ter-se proposto a construir um jardim público à maneira dos recintos existentes na Europa. Espaços que – no Velho Mundo – serviam de palco para as transformações das formas de sociabilidade na aristocracia, na pequena nobreza, e eram testemunho da ascensão da burguesia. Essa composição

¹ “O Passeio Público do Rio de Janeiro espelha também o surgimento, no século XVIII, de lugares especificamente desenhados para a apreciação da paisagem marítima. O belvedere como lugar de contemplação está na origem do advento do gosto pelo panorama. O belvedere marítimo é uma inovação que surgiu com a apreciação do espetáculo do mar. Antes disso, a organização das construções nas áreas litorâneas usualmente voltava as costas para as águas.” (FARAH (org.) *et al.*, 2010, p. 38-39)

social e política soava estranha ao escravocrata meio colonial carioca. (FARAH (org.) *et al.*, 2010, p. 39-40)

A escolha do local de implantação consistiu em uma estratégia de saneamento de uma área alagadiça, a qual foi aterrada para permitir a expansão da ocupação urbana. A instalação de jardins e parques públicos como estratégia de saneamento acabou por se tornar mais tarde uma prática recorrente em diversas cidades brasileiras – o mesmo procedimento ocorreu durante a construção do Passeio Público de Curitiba.

A obra é atribuída a Valentim da Fonseca e Silva - escultor, arquiteto e urbanista do Rio de Janeiro colonial - cujo projeto caracterizava-se pelo emprego de canteiros geometrizados. Em meados do século XIX o Passeio Público foi remodelado pelo engenheiro civil e botânico francês Auguste François Marie Glazieu², com a adoção de formas curvilíneas.

O interesse português pela biodiversidade brasileira se consolidou somente no final do século XVIII, com a criação de Jardins Botânicos em diversas cidades, espaços destinados ao reconhecimento da flora autóctone. A iniciativa de conhecer os elementos vegetais no Brasil se deve ao interesse português em explorar o potencial econômico das diversas espécies encontradas, além de analisar a possibilidade de introdução de especiarias das Índias Orientais, bem como da cultura voltada para seu consumo. Até o início do século XIX foram criados, a partir de ordens portuguesas, os Jardins Botânicos de Belém, Olinda, Ouro Preto, São Paulo e Rio de Janeiro - o único dos quais existe até hoje, tendo sido uma demanda do príncipe regente Dom João, que havia se estabelecido em 1808 na cidade, juntamente com a família real e a corte portuguesa.

O viés científico da criação dos Jardins Botânicos, apesar do que se pretendia, não consistiu no propósito principal de sua utilização, passando a serem

² “[...] Atuou no Brasil entre 1858 e 1897, primeiro como Diretor-Geral de Matas e Jardins e, depois, Diretor de Parques e Jardins da Casa Imperial, no Rio de Janeiro. O reconhecimento da flora brasileira e sua introdução nos jardins públicos no Rio de Janeiro foi contribuição importante de Glazieu.” (FARAH (org.) *et al.*, 2010, p. 43)

identificados como locais de passeio e contemplação, “com seus equipamentos [típicos do gosto da época]: regatos, cascatas, ilhas, pontilhões, rotundas, grutas, pavilhões, viveiros [...]” (FARAH (org.) et al., 2010, p. 44) A consolidação dos Jardins Botânicos também contribuiu para a formação da postura higienista que surgiu entre os séculos XIX e XX, quando a vegetação passou a ser associada à idéia de salubridade. Nesse período, diversas reformas urbanas tiveram por objetivo a promoção da salubridade, como o alargamento e a arborização das ruas, o descongestionamento dos bairros centrais e a criação de espaços públicos abertos como praças e parques.

Nesse contexto, destacam-se as reformas urbanas ocorridas no Rio de Janeiro durante a administração do prefeito Pereira Passos, com o objetivo de melhorar a imagem da cidade. Tais reformas foram inspiradas nas remodelações empreendidas em Paris durante o século XIX, pelo então prefeito Barão de Haussmann, por determinação do Imperador Napoleão III.

Com o advento do saber técnico das Escolas de Engenharia fundadas no país, tem início o processo de consolidação da atividade de planejamento urbano, voltada às posturas sanitaristas – aos moldes do Rio de Janeiro - adotadas em diversas cidades. A partir desse ponto surge a preocupação em destinar espaço na malha urbana para áreas ajardinadas, onde serão instalados os primeiros parques urbanos. Os precursores dessa nova tipologia de espaço no Rio de Janeiro são a Quinta da Boa Vista e o Campo de Santana, de autoria de Glaziou; e em São Paulo, o Parque do Anhangabaú - do urbanista francês Joseph Bouvard - e da Várzea do Carmo – atual Parque D. Pedro II, de autoria do paisagista E. F. Cochet. A tendência da produção paisagística em vigor era caracterizada pelos padrões franceses de produção dos grandes jardins cênicos, inspirados no Palácio de Versailles, que tinham por objetivo realçar o caráter monumental do espaço, e incentivar as atividades de passeio e contemplação.

O século XX é marcado pelo crescimento acelerado das cidades, a partir do acúmulo de riquezas gerado pela economia cafeeira, e dos movimentos migratórios,

gerados pela atratividade da oferta de novos empregos. A paisagem das cidades passou a adquirir um caráter extremamente urbano, marcado pela verticalização das construções, pela supressão das áreas verdes e pela proliferação de pessoas e automóveis. Em São Paulo o prefeito Prestes Maia adota o Plano de Avenidas, privilegiando o sistema de circulação viária.

Em meados do século XX, o processo de urbanização e os problemas a ele associados – inchaço das cidades, desemprego, criminalidade, vandalismo, congestionamento, poluição, entre outros – conduziu a um fenômeno de negação da cidade, uma postura *antiurbana* de valorização do rural. Essa postura foi profundamente influenciada pelas tendências de suburbanização das cidades americanas, fenômeno conhecido como *sprawl*, que significa esparramação, caracterizado pela ocupação de regiões periféricas em regime de baixas densidades e dependência do automóvel. Nesse contexto, os jardins particulares passaram a ser supervalorizados, indicando o *status* de cada família. Esse modelo de urbanização foi e ainda é amplamente difundido nos Estados Unidos, o que pode ser explicado pelo seu apelo imobiliário, pela acessibilidade financeira de uma classe média-alta consolidada e pela proliferação do *american way of life*. No Brasil, esse modelo de urbanização foi responsável por resultados semelhantes aos americanos, como a consolidação dos bairros residenciais periféricos de alto padrão, a proliferação dos condomínios fechados e *shopping centers*, o abandono e a degradação dos espaços centrais, a implantação de grandes eixos rodoviários, por meio de estruturas dispendiosas que traçam verdadeiros obstáculos na paisagem urbana. Esses fatores contribuíram para o processo de degradação dos espaços públicos, em especial parques e praças.

A partir de meados do século XX, inicia-se o processo de conscientização ambiental, quando o impacto da ação do homem na natureza vem à tona, denunciando todos os tipos de mazelas da condição ecológica do planeta, que vinham sendo negligenciadas até então. Dentro do paisagismo, passam a ser valorizados os princípios de recuperação ambiental e respeito aos ecossistemas

naturais. Nesse contexto, ganha destaque o trabalho paisagístico de Burle Marx, que demonstra o respeito pelo viés ecológico por meio da valorização dos ecossistemas brasileiros. Burle Marx passa a resgatar o valor ornamental de espécies nativas, algo inédito num cenário em que se consideravam belas apenas as espécies importadas dotadas da já ultrapassada estética romântica. Sua produção, concebida a partir de pinturas – que regatam as origens do paisagismo –, é norteada por pelo interesse em fazer a paisagem espetáculo, em rejeitar conceitos pré-estabelecidos de beleza, conduzindo o usuário a despertar seu olhar para a beleza que existe naturalmente a seu redor, induzindo o resgate da atividade de contemplação.

É possível dizer que essa atitude de provocação é o maior legado da obra de Burle Marx para o paisagismo brasileiro. Atitude que é aplicável no contexto atual, em que os usuários dos espaços públicos já não refletem acerca do sentido da paisagem, apenas notam a disponibilidade de recursos de utilização prática. É necessário convidá-los a voltar apreciar a paisagem, a partir dos diversos significados que possa carregar.

3 ANÁLISE DE CORRELATOS

3.1 ESTUDO DE CASO INTERNACIONAL – DALLAS, TEXAS, ESTADOS UNIDOS – UNIVERSIDADE DO TEXAS EM DALLAS (UT Dallas)

O primeiro estudo de caso consiste em um projeto de requalificação da paisagem do *campus* da Universidade do Texas em Dallas, nos Estados Unidos. O projeto é de autoria do escritório de paisagismo *Peter Walker and Partners* (PWP)³.

O Texas pertence à região sudoeste dos Estados Unidos (Imagem 3.1.1), é o segundo maior estado em extensão e população do país. Foi conquistado por colonizadores espanhóis e pertenceu ao território mexicano até 1845, quando foi anexado aos Estados Unidos após diversos confrontos. A economia do estado era essencialmente agropecuária, mas no início do século XX passou a se destacar pelas atividades petrolíferas e aeroespaciais⁴. A população texana é bastante diversificada devido à imigração, especialmente de povos de origem hispânica e africana, além de europeus e asiáticos. A diversidade étnica se reflete no enriquecimento da cultura, em inúmeros costumes e tradições típicas dos texanos.

Devido à sua grande extensão, o estado do Texas apresenta altos índices de variação climática e, conseqüentemente, vegetação bastante diversificada. As regiões oeste e sul do estado se caracterizam pelo clima árido e vegetação desértica, enquanto a região leste e norte – onde a cidade de Dallas está localizada – se destacam por climas amenos⁵, vegetação farta e grande quantidade de rios e lagos (Imagens 3.1.2 a 3.1.4).

³ Peter Walker é um arquiteto paisagista nascido na Califórnia e graduado pela Universidade de Berkeley em 1955. Adquiriu o título de mestre em arquitetura paisagística em 1957 pela Escola de Design da Universidade de Harvard. Em 1972 associou-se ao renomado paisagista americano Hideo Sasaki, formando a *Sasaki Walker Associates*. Onze anos mais tarde, fundou a empresa que mantém até os dias atuais, a *Peter Walker and Partners* (PWP). Em 2005 recebeu o prêmio *Geoffrey Jellicoe Gold Medal* da *International Federation of Landscape Architects* (IFLA).

⁴ Destaca-se na cidade de Houston, no Texas, a plataforma de construção e lançamento de foguetes da *National Aeronautics and Space Administration* (NASA).

⁵ A temperatura média de Dallas no verão é de 24°C e, no inverno, 12°C. (WEATHERBASE, 2011)



Imagens 3.1.1 – Mapa: Estados Unidos, Texas.
 Fonte: Google Maps, 2011.



Imagem 3.1.2 – Mapa: Estado do Texas.
 Indicação: Dallas. Fonte: Google Maps, 2011.

A cidade de Dallas é a terceira mais populosa do estado, atingindo em torno de um milhão e meio de habitantes, aproximadamente 5% da população total do Texas e apresentando baixa densidade populacional.⁶ Faz parte da listagem de cidades globais, ou seja, cidades que apresentam importância econômica mundialmente relevante. Isso se deve ao fato de a cidade ser o principal polo financeiro, industrial e tecnológico do estado, condição atingida a partir de sua localização estratégica dentro de uma complexa rede rodoviária, ferroviária e aeroportuária.



Imagens 3.1.3 – Mapa: Dallas. Indicação: UT Dallas. Fonte: Google Maps, 2011.



Imagem 3.1.4 – Foto aérea: Dallas. Indicação: UT Dallas. Fonte: Google Maps, 2011.

⁶ População da região metropolitana de Dallas: 1.299.542 habitantes. População do Estado do Texas: 24.782.302 habitantes. Densidade populacional de Dallas: 2,52 habitantes por milha quadrada. (U.S. CENSUS BUREAU, 2009)

O *campus* da UT Dallas foi implantado em um amplo terreno existente, delimitado pela *Rutford Avenue*, e pela *Synergy Park Boulevard*. Essas vias formam um sistema de rodovias subordinadas à *N President George Bush Turnpike, freeway* que contorna boa parte da cidade em um circuito oeste-norte-leste. Sendo assim, por meio das grandes rodovias predominantes no sistema viário de Dallas, o *campus* da universidade é rapidamente acessível a partir de diversas partes da cidade.

Assim como na maioria das cidades americanas, a partir dos anos 1950, o crescimento urbano de Dallas ocorreu seguindo os paradigmas do *sprawl*. Para Sun Alex (2008), o termo – que a rigor significa *esparrramação* – é aplicado para designar cidades cujo desenvolvimento se caracteriza pela tendência à dispersão e fuga das áreas centrais. Distribuindo-se em subúrbios afastados de baixíssima densidade, onde predominam loteamentos destinados à classe média e alta, a população passou a adotar um estilo de vida *anticidade*, fazendo do automóvel o meio de transporte primordial e indispensável, dos *shopping centers* o principal local de encontro, recreação e lazer, e do consumismo exacerbado a filosofia de vida. Algumas consequências da adoção desse modelo de desenvolvimento urbano são: necessidade de construção de grande quantidade de rodovias, alto custo de implantação de infraestrutura e manutenção de áreas públicas em regiões cada vez mais afastadas, degradação de áreas centrais e do patrimônio histórico em decorrência de seu abandono, segregação socioeconômica, inadequação da estrutura da cidade às necessidades do pedestre, desertificação da paisagem, entre outras.

É possível verificar essa forma de ocupação na cidade de Dallas a partir de mapas e fotos aéreas (Imagens 3.1.5 e 3.1.6): a múltipla rede de extensas rodovias conecta os diversos setores comerciais e industriais espalhados, em torno dos quais se localizam os subúrbios exclusivamente residenciais, de baixa densidade, com ruas sinuosas de acesso limitado e farta arborização, ao longo das quais se distribuem moradias de alto padrão.



Imagem 3.1.5 – Mapa: UT Dallas e entorno.
Fonte: Google Maps, 2011.



Imagem 3.1.6 – Foto aérea: UT Dallas e entorno.
Fonte: Google Maps, 2011.

A UT Dallas localiza-se em uma região tipicamente característica do *sprawl*. As áreas vizinhas à universidade consistem em grandes terrenos industriais, zonas residenciais suburbanas, parques e *shopping centers* conectados por rodovias. A própria universidade é distribuída de tal forma que o acesso e a circulação não dispensam o uso do automóvel e observam-se vastas áreas destinadas a estacionamentos.

Nas imediações, verifica-se a predominância das baixas densidades, mantidas através da reduzida taxa de ocupação dos terrenos circunvizinhos. As construções residenciais do entorno consistem em sobrados, enquanto os *shopping centers* e indústrias apresentam gabarito mais elevado. O terreno, de 465 acres - 1,88 km² -, tem sua morfologia retangular derivada do traçado da malha viária, apresentando formato irregular nas laterais e regular nas extremidades superior e inferior.

É possível identificar o local de implantação da universidade como uma das muitas regiões da cidade em que vive, trabalha ou estuda uma população com médio ou alto poder aquisitivo. De fato, a UT Dallas é uma universidade pública estadual, mas essa condição não garante a admissão de uma população socioeconomicamente desprivilegiada. O sistema de ensino superior nos Estados Unidos adota, em alguns estados, um processo excludente de ingresso às universidades e a cobrança de taxas de mensalidade inclusive para universidades

mantidas por órgãos governamentais. Sendo assim, apesar de ser uma instituição pública, a universidade apresenta um caráter privado no sentido de que não permite o acesso de diferentes classes sociais, aspecto que se reflete no próprio espaço físico do *campus*, através do local de sua implantação, da dificuldade e controle de admissão e da falta de integração com a população que não está diretamente ligada às atividades acadêmicas.

A história da Universidade do Texas em Dallas (UT Dallas) se iniciou na década de 1960, quando Eugene McDermott, J. Erik Jonsson e Cecil Green notaram a carência de instituições de ensino e pesquisa na região e fundaram um centro de graduação, pesquisa e estudos avançados⁷ transferido para a propriedade do Estado do Texas em 1969, formando a universidade.

Inicialmente, as dependências da instituição se instalaram no *campus* da *Southern Methodist University*, transferidas para a localização atual no ano de 1964. As primeiras edificações foram o *Founders Building*, edifício dos fundadores, - que apresenta dois anexos - e o *North Lab*, o laboratório de apoio.

Nos anos 1970, foram construídas oito novas edificações no *campus*: Lloyd V. Berkner *Hall* e Karl Hoblitzelle *Hall*, o centro acadêmico Erik Jonsson, o estúdio de artes visuais, o centro de conferências, a biblioteca Eugene McDermott, a livraria e o edifício da União dos Estudantes – espaço destinado às atividades de relaxamento, refeições e estudos, e que mais tarde passaria a abrigar dormitórios.

Na década seguinte, além da ampliação de alguns edifícios, foram construídos outros quatro: o centro *Cecil and Ida Green*, o bloco norte de Engenharia e Ciência da Computação, o prédio da administração e o *Multipurpose Building*. Em seguida, instalou-se o centro de atividades e as demais estruturas que configuram as dependências atuais do *campus*, que, além de 45 edificações, incluem 23 estacionamentos, 9 praças, 9 quadras de tênis, 8 campos de futebol, 4 campos de beisebol e softbol e 1 campo para diversas atividades, que fazem parte

⁷ Inicialmente *Graduate Research Center of the Southwest*, passou a ser chamado *Southwest Center for Advanced Studies* (SCAS) em 1967.

Campus Map

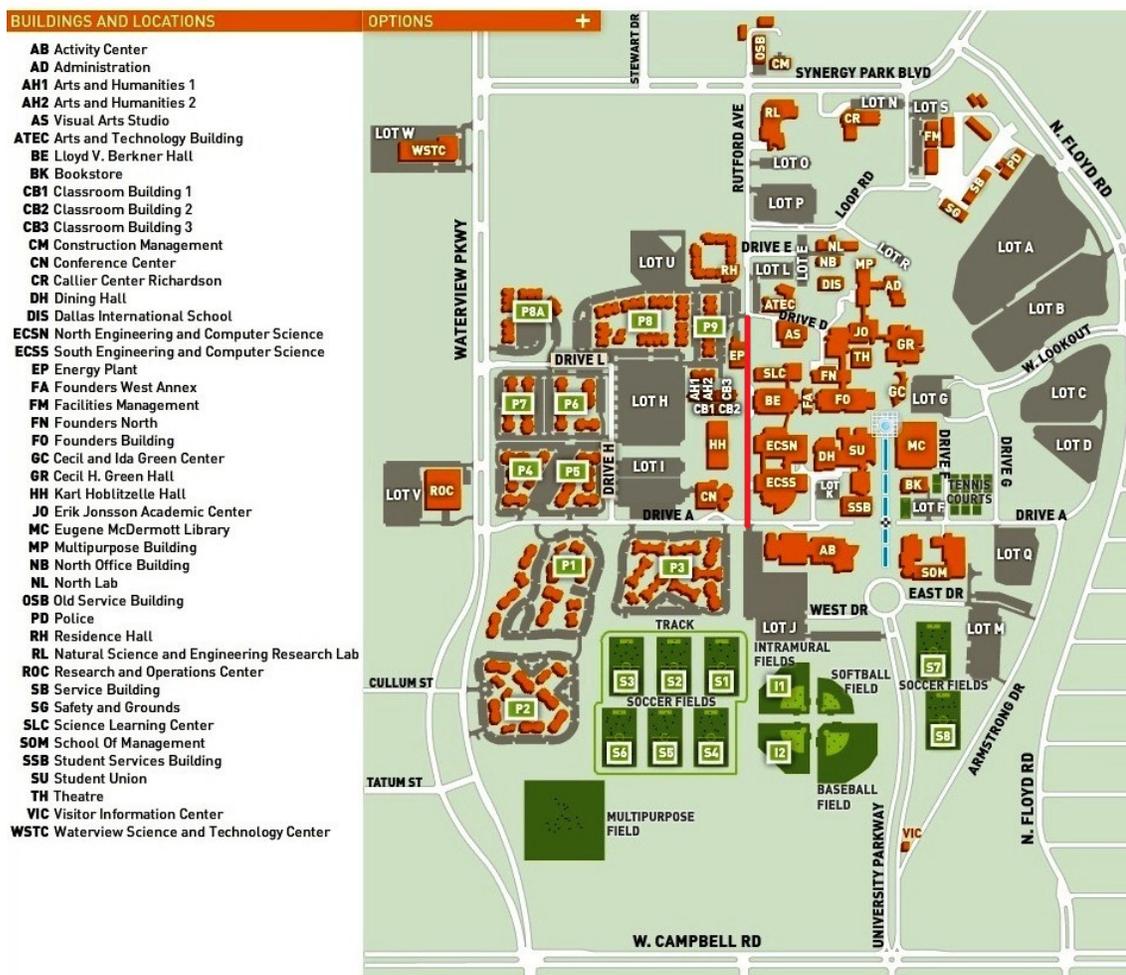


Imagem 3.1.11 – Mapa esquemático: evolução do *campus* – anos 2010. Sem escala.

Fonte: UT Dallas, 2011.

A grande quantidade de estruturas e a forma de implantação, bastante dispersa no tempo e no espaço (Imagens 3.1.7 a 3.1.12), conferiram ao *campus* um estado geral de ausência de unidade e identidade. Estes foram aspectos que o escritório PWP procurou resolver no projeto elaborado em 2008. Concluído em 2010, o plano de readequação geral do *campus*, o *Campus Enhancement Project*, tinha como lema “*Making a Great City Greater: enhance the physical appearance of campus*”. A partir da doação de 30 milhões de dólares, realizada pela família de um dos fundadores, o projeto foi executado incluindo diversas iniciativas de

melhoramentos, desde ampliação e reforma de edifícios, até a requalificação da paisagem. Nesse ínterim, o escritório PWP foi escolhido por já haver realizado outros projetos paisagísticos em Dallas, o que garantia a familiaridade com o contexto geral, além de conhecimentos em relação ao clima e às espécies vegetais adequadas para a região. O escritório também já possuía experiência em projetos de diversas escalas, desde parques e *campi* universitários até jardins privados. As expectativas da administração universitária consistiam em que o projeto realizado explorasse a relação entre arte, cultura e natureza.

A requalificação da paisagem da universidade viabilizou a criação de um novo caminho ladeado por um riacho, *University Parkway* (Imagem 3.1.13) - acessível pela rodovia sul *W Campbell* – que permite conduzir os veículos até certa altura do *campus*, próxima ao meio, onde há estacionamentos conectados por uma rotatória. O novo acesso, vigiado por estações de controle, apresenta a entrada bastante demarcada com 78 carvalhos de 35 metros de altura, plantados em linha semicircular e também ao longo de todo o caminho, até os estacionamentos (Imagem 3.1.14). Antes do *Campus Enhancement Project*, um dos problemas mais notáveis do terreno era a falta de árvores em quantidade e porte adequados. Os espaços adjacentes à *University Parkway* não apresentam edificações, pois são implantados ali os campos esportivos. Sendo assim, por se tratarem de espaços muito abertos e livres, foram escolhidos por Peter Walker e seus associados para abrigar a maior quantidade de árvores⁸ de grande porte, formando um pequeno bosque convidativo à entrada do *campus*. O local de plantio de cada árvore foi especificado pelos arquitetos paisagistas, assim como as mudas escolhidas, de espécies características das regiões nativas do norte do Texas – carvalho, cedro, pinho – que virão a crescer nos próximos 20 anos. Para acrescentar volume ao bosque enquanto essas espécies não atingem o seu porte ideal, adotou-se o plantio de arbustos e flores, que com o decorrer do tempo desaparecerão dando destaque apenas às árvores.

⁸ O total de novas árvores distribuídas pelo *campus* atingiu um total de 5.000 unidades.



Imagem 3.1.12 – Foto aérea: UT Dallas. Fonte: Montagem realizada pela autora a partir de imagens retiradas do Google Maps, 2011.



Imagem 3.1.13 – Foto: *University Parkway* em obras. Fonte: UT Dallas, 2011.



Imagem 3.1.14 – Foto: *University Parkway*. Fonte: *Peter Walker and Partners*, 2011.

A rotatória de acesso aos estacionamentos, com aproximadamente 57 m de circunferência, marca o final da via de tráfego de veículos. A partir desse ponto estão instalados o edifício dos fundadores, a biblioteca, a livraria e a União dos Estudantes, além de estar prevista para os próximos anos a instalação do novo prédio de artes e tecnologia. Sendo assim, o local é caracterizado pela movimentação a pé dos estudantes e professores que frequentam esses blocos. O projeto paisagístico direcionado a essa área apresentava como objetivo principal o estímulo ao encontro de pessoas fora das salas de aula, desfrutando momentos mais longos de permanência ao ar livre. A solução adotada foi uma alameda, *The Mall*, que integra os acessos dos edifícios, formando uma espécie de sala de estar longitudinal. Apresenta uma continuidade visual com a *University Parkway*, devido ao seu caráter linear, além da instalação de espelhos d'água no centro e árvores nos dois lados, remetendo ao riacho e aos carvalhos no entorno do caminho de entrada.



Imagem 3.1.15 – Foto: *The Mall*.
Fonte: *Peter Walker and Partners*, 2011.



Imagem 3.1.16 – Foto: *The Mall*.
Fonte: *Peter Walker and Partners*, 2011.



Imagem 3.1.17 – Foto: Fundo do espelho d’água.
Fonte: *Peter Walker and Partners*, 2011.



Imagem 3.1.18 – Foto: Flor de magnólia.
Fonte: UT Dallas, 2011.



Imagem 3.1.19 – Foto: Piso tabuleiro de xadrez.
Fonte: UT Dallas, 2011.



Imagem 3.1.20 – Foto: Clube de Xadrez.
Fonte: *Dallas Observer*, 2011.

A alameda apresenta cinco espelhos d’água em formato retangular, empregando um sistema de bombas – instalado em casas de máquinas subterrâneas - individual para cada piscina, que propicia a circulação e reutilização da água. As piscinas cobrem uma extensão total de 14.000 m² e seu fundo é formado por pedras de granito chinês, de formato irregular e tom cinza escuro, escolhidas para assemelharem-se a um riacho (Imagem 3.1.17). Às duas margens dos espelhos d’água encontram-se gramados permeados por magnólias (Imagem 2.1.18) plantadas linearmente, intercaladas por postes de iluminação. Mais externamente, há caminhos calçados para circulação e acesso aos edifícios. Existem quatro trechos de interseção ao longo do caminho, onde foram implantadas

muretas de calcário que servem como bancos. No ponto de cruzamento com a *Drive A*, há um espaço aberto, dividido em quatro quadrados de 256m² cada, que consistem em tabuleiros de xadrez em escala humana, uma homenagem ao clube oficial de xadrez da UT Dallas, que promove aulas e eventos, além de participar de campeonatos (Imagens 3.1.19 e 3.1.20).⁹

Na extremidade sul da alameda existem quatro canteiros circulares de calcário demarcando o início do caminho. Ao norte foi criado um amplo espaço utilizado como principal ponto de encontro e permanência, a *Plaza*. Coberta por uma grande estrutura de aço em forma de pérgula, com aproximadamente 7 m de altura, apresenta em seu centro uma fonte circular, onde há produção contínua de vapor (Imagens 3.1.21 e 3.1.22). Em dias amenos, a névoa pode atingir a altura de 60 m e a produção é desativada em dias de muito vento, por meio de um sensor. À noite, um jogo de luzes ilumina a fonte, proporcionando uma vista espetacular. Próximo à fachada da União dos Estudantes há uma arquibancada de madeira, utilizada no cotidiano como sala de estar e local de contemplação, ou para acomodação de pessoas em celebrações e eventos (Imagens 3.1.23 e 3.1.24). Também foram instaladas no local duas paredes destinadas a anúncios e publicações oficiais.



Imagem 3.1.21 – Foto: Pérgula de aço.
Fonte: UT Dallas, 2011.



Imagem 3.1.22 – Foto: *Plaza* (pérgula e espelho d'água). Fonte: *Peter Walker and Partners*, 2011.

⁹ O Clube de Xadrez foi criado em 1996, e a partir de 2000, o time oficial da universidade ganhou reconhecimento nacional e internacional, com premiações em diversos torneios.



Imagem 3.1.23 – Foto: Arquibancada de madeira.

Fonte: *Peter Walker and Partners*, 2011.



Imagem 3.1.24 – Foto: Estudantes utilizando a arquibancada.

Fonte: *Peter Walker and Partners*, 2011.

A UT Dallas fornece cuidado permanente com o paisagismo do *campus* por meio de equipes especializadas, cada uma responsável pela manutenção de elementos distintos da estrutura paisagística: gramado, detalhes, flores, alamedas, irrigação, adubação, estufa – responsável pela produção de sementes e mudas - e elementos gerais. Esta última equipe lida com problemas de diversas naturezas, como remoção de árvores tombadas ou aplicação de areia nos passeios para derretimento da neve. Além disso, existem outras equipes responsáveis pela limpeza geral do *campus*, pelo recolhimento diário do lixo e pela separação do lixo reciclável. Com o objetivo de arrecadar fundos para a manutenção geral da paisagem da universidade, existe um programa de arrecadação onde, em troca de doações específicas, o donatário passa a ter seu nome registrado nas árvores e fontes do *campus*, por meio de placas de homenagem padronizadas. São 33 carvalhos, 108 magnólias, 4 canteiros de agaves e 5 espelhos d'água.

Em entrevista à UT Dallas, Peter Walker afirmou que seu projeto é influenciado por formas minimalistas e elegantes, pois é o design que torna os espaços atrativos e interessantes em ambientes construídos. O arquiteto afirmou também que para diversos estudantes, o *campus* consiste na primeira experiência em um local projetado e construído para a comunidade. Para ele, os *campi* de universidades devem ser baseados em conceitos de evolução e futuro, classe e

beleza, porque são exemplo para os futuros líderes das cidades, corporações e órgãos de planejamento. Sob esse ponto de vista, a UT Dallas apresenta um papel fundamental na formação da sociedade texana, principalmente se considerada a quantidade de estudantes que usufruem da instituição e do espaço - em 2010 a universidade atingiu a marca dos 17.000 alunos.

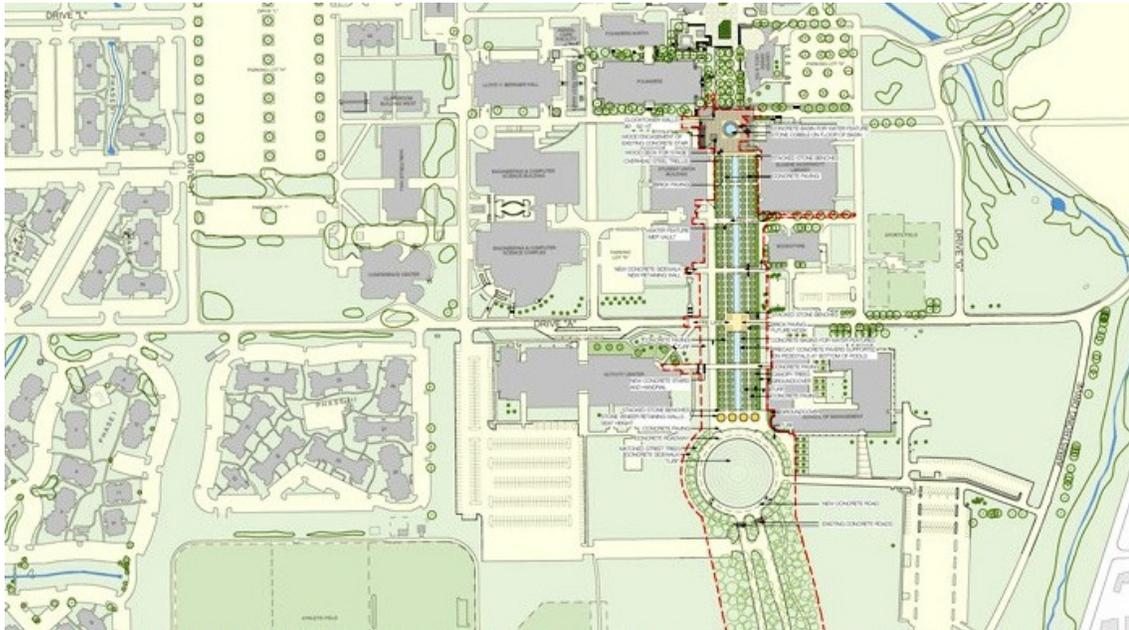


Imagem 3.1.25 – Projeto de requalificação da paisagem do *campus* da UT Dallas. Sem escala.
Fonte: *Peter Walker and Partners*, 2011.

Peter Walker disse ainda que sempre tem como intenção estimular a curiosidade das pessoas pela natureza: os elementos orgânicos podem passar despercebidos e ser desinteressantes, mas quando bem trabalhados, transmitem para os indivíduos um significado profundo, fomentando a integração e o convívio ou convidando à reflexão interior.

3.2 ESTUDO DE CASO MUNICIPAL – CURITIBA, PARANÁ, BRASIL – UNIVERSIDADE POSITIVO (UP)

Em 1998 o arquiteto Manoel Coelho¹⁰ foi contratado pelo do Grupo Positivo para fazer o Plano Diretor do Centro Universitário a ser construído em terreno de 363.000 m², localizado na Zona Oeste da cidade de Curitiba. O local abrigara anteriormente um haras, e consistia em um terreno privilegiado, com leve inclinação, apresentando um bosque e um lago, elementos formadores de uma paisagem natural impressionante.



Imagem 3.2.1 – Foto: Terreno antes da ocupação, 1998. Fonte: COELHO, 2010.

A implantação do projeto deveria ser realizada gradativamente no decorrer dos anos, dependendo da consolidação da instituição e da disponibilidade de recursos. O Programa de Necessidades e o Plano Diretor foram elaborados pelo arquiteto no mesmo ano e após a apresentação destas primeiras etapas, constatou-

¹⁰ Nascido em 1940 na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, Manoel Coelho formou-se arquiteto e urbanista em 1967, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Sua trajetória profissional abrange atuação em diversas áreas. Trabalhou com planejamento urbano no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC) e em seguida assumiu o cargo de professor da UFPR. Em 1971 abriu o escritório Manoel Coelho Arquitetura (MCA), onde desenvolveu trabalhos em design e arquitetura. Dentre suas principais obras encontram-se projetos de logomarca e mobiliário urbano para a cidade de Curitiba e o projeto de reformulação do *campus* da Pontifícia Universidade Católica de Curitiba (PUC-PR). Recebeu diversas premiações em Bienais Nacionais e Internacionais, destacando-se o Troféu pelo Conjunto da Obra no XV Congresso de Arquitetura Oscar Niemeyer, em 1997.

se que o trabalho se encaixava perfeitamente às expectativas do Grupo Positivo. Sendo assim, Manoel Coelho ficou responsável também pelo projeto arquitetônico das edificações do *campus*, o que conferiu unidade ao conjunto e coerência entre o projeto proposto e aprovado e a efetiva realização das obras.



Imagem 3.2.2 – Foto: Terreno antes da ocupação, 1998. Fonte: COELHO, 2010.

3.2.1 Plano Diretor

A concepção do Plano Diretor do *Campus* da Universidade Positivo fundamentou-se no objetivo de oferecer condições ideais para ensino, pesquisa e prestação de serviços, permitindo convivência integral e favorecendo o cultivo sadio do espírito universitário. O Plano procurou estabelecer meios para que uma perfeita sustentação física promovesse esse acesso às atividades comuns, sem interferências, e oferecesse condições para a crescente integração com a comunidade, por meio de atividades culturais, artísticas, esportivas, científicas e tecnológicas.

(COELHO, 2010, p. 16)

O Plano Diretor do *campus* da Universidade Positivo determinou as principais premissas da implantação: traçado da malha viária e localização de acessos, topografia e setorização.

Os espaços do *campus* foram ordenados a partir de dois eixos estruturais viários principais, no sentido norte-sul e leste-oeste – que se cruzam no centro geométrico do terreno –, a partir dos quais foram pontuados os acessos principais. Partindo desses eixos primários, foram determinados também eixos secundários e

terciários. O conjunto de eixos é interligado por uma via periférica que contorna o terreno, passando pelos acessos.

Os eixos primários, secundários e terciários formam uma malha viária que abrange todo o terreno, permitindo a circulação de pedestres e veículos de maneira pragmática e simplificada. Os espaços não são muito distantes entre si e não há espaços totalmente inacessíveis.

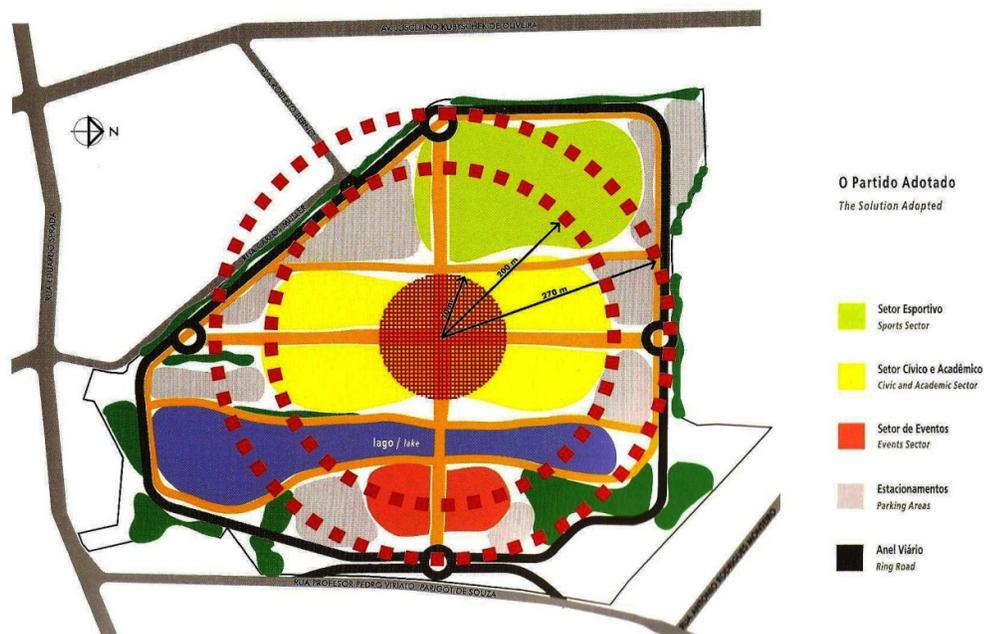


Imagem 3.2.1.1 – Mapa esquemático: partido abrangendo traçado da malha viária, setorização e raio de distanciamento, 1998. Fonte: COELHO, 2010.

O *campus* da Universidade Positivo localiza-se no Bairro Mossunguê, predominantemente residencial, com densidades irregularmente distribuídas: ao longo dos eixos estruturais predominam as edificações de gabarito alto, enquanto no restante do bairro, há construções bastante dispersas e grande quantidade de terrenos não ocupados. Além disso, a região é atrativa para a população de alta renda, o que fica evidente na parcela de 22,3% de moradores com rendimento

superior a 30 salários mínimos (IPPUC, 2011). Isso justifica a implantação de uma universidade particular – com as mensalidades mais elevadas dentre as demais universidades particulares da cidade – naquela região, próxima ao Ecoville, a 8 km do centro de Curitiba.



Imagem 3.2.1.2 – Foto: Vista panorâmica do bairro Mossunguê. Fonte: IPPUC, 2011.



Imagem 3.2.1.3 – Foto: Vista panorâmica do bairro Mossunguê. Fonte: GAZETA DO POVO, 2011



Imagem 3.2.1.4 – Foto aérea. Indicações: UP, Mossunguê e Centro. Fonte: Google Maps, 2011.

O acesso direto de veículos é realizado pelas Ruas Carlos Müeller e Professor Pedro Viriato Parigot de Souza. Essas são vias paralelas à via perimetral que contorna o *campus*, o que permite que a acumulação de veículos na entrada e na saída não comprometa o fluxo das demais vias adjacentes, motivo pelo qual também foram instaladas rótulas nas quatro entradas principais.



Imagem 3.2.1.5 – Foto aérea: *campus* UP. Fonte: Google Maps, 2011.

Os estacionamentos são onze, e consistem em áreas descobertas localizadas nas extremidades do *campus*, de forma que a circulação no núcleo principal seja formada apenas por pedestres. Essa decisão projetual foi adotada para serem evitados congestionamentos no interior do *campus* e para privilegiar a segurança do pedestre.

O acesso dos usuários de transporte coletivo é facilitado através de linhas de ônibus que circulam no entorno do *campus*, com pontos implantados nas rótulas das entradas principais. A circulação por meio do Sistema de Transporte Urbano de Curitiba atende a 60% dos universitários e servidores. Existe uma linha alimentadora criada para servir especialmente ao *campus*. Denominada Universidade Positivo, a

linha tem como parada final o Terminal do Campo Comprido, operando em intervalos médios de 10 a 20 min, inclusive aos sábados.

A circulação de pedestres é realizada livremente pelo *campus*, sendo o maior fluxo centralizado no eixo principal. A partir do núcleo central, a maior distância até as extremidades do terreno é de 270 m. “Dessa maneira, apesar da grande área do terreno os percursos são minimizados e ocorrem de forma confortável e agradável [...]” (COELHO, 2010, p. 17)

A primeira grande modificação no terreno foi a ampliação do lago existente, que passou a apresentar uma disposição linear paralela ao eixo de circulação principal. Isso permitiu que diversas edificações pudessem estar voltadas para a paisagem privilegiada formada pelo conjunto lago-bosque. “A topografia permitiu uma movimentação de terra de mínimo impacto, gerando três grandes platôs onde foram distribuídos e acomodados os diversos setores.” (COELHO, 2010, p. 17) Sendo assim, a configuração do traçado e as condicionantes topográficas do terreno foram fatores determinantes na escolha dos locais de implantação das edificações.



Imagem 3.2.1.6 – Foto: Lago antes das modificações, 1998. Fonte: COELHO, 2010.



Imagem 3.2.1.7 – Foto: Drenagem e ampliação do lago, 1998. Fonte: COELHO, 2010.

As atividades do *campus* foram divididas em quatro setores: acadêmico, esportivo, cívico e eventos.

O setor acadêmico é composto por sete blocos didáticos similares, de três pavimentos, dispostos paralelamente ao longo do eixo de circulação principal, diferenciados por um sistema de cores de fácil assimilação.

Os blocos são personalizados por um sistema cromático aplicado nas peças metálicas: *brise soleil*, marquises dos acessos, e escadas de saída de emergência nos finais dos corredores. Cada bloco é constituído de dois volumes iguais unidos por um bloco vertical onde se encontram as instalações sanitárias e o elevador. No pavimento térreo, junto aos acessos, há um grande *foyer*, que serve como ponto de encontro dos alunos, local de exposição e acesso aos auditórios e às escadas que ligam os três pavimentos. (COELHO, 2010, p. 28)

Uma praça de alimentação é instalada entre cada grupo de dois blocos didáticos, conectada a estes por meios de passarelas cobertas. Além de garantir a unidade dos fluxos distribuídos entre os blocos e a unidade arquitetônica, a semelhança entre as edificações permite que o universitário compreenda facilmente o funcionamento do edifício, mesmo quando necessita visitar outros blocos distintos daquele em que assiste as aulas; facilidade assimilativa que se estende também aos visitantes do *campus*.

O setor acadêmico é composto também pelos laboratórios de tecnologia, implantados em um terreno de 15.000 m² anexado ao *campus* em 2003. O conjunto consiste em três blocos de dois pavimentos próximos ao setor esportivo e aos estacionamentos. Com acesso pela Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira, via principal da Cidade Industrial de Curitiba (CIC) e do eixo estrutural, a implantação permite facilitar a conexão com empresas parceiras da Universidade Positivo como Volvo, Kraft, Bosch e Siemens.

Devido à realização de atividades diferenciadas, o setor esportivo está implantado em uma das extremidades do *campus*, próxima aos laboratórios e estacionamentos. Trata-se de um complexo de infraestruturas que permitem a

prática de variados esportes, tanto aqueles enquadrados dentro do Curso de Educação Física, quando àqueles destinados à comunidade universitária em geral.

Fazem parte do conjunto um ginásio com capacidade para 2 mil pessoas, um campo oficial de futebol, canchas poliesportivas, pista de atletismo, piscinas e instalações destinadas a exercícios praticados *indoor*.

O setor cívico abriga as seguintes instalações: reitoria, administração, biblioteca, centro de pós-graduação e extensão e capela.

A reitoria e pró-reitorias, administração, secretarias e coordenadorias dos cursos estão setorizados no mesmo bloco em três pavimentos implantado no núcleo central do *campus*, ao lado do cruzamento entre os dois eixos de circulação principais. Com vista para o lago, o espaço permite o convívio dos servidores e professores, estimulando as relações intra e intercurso.

A concentração dessas atividades em um único bloco permite uma administração ágil, reduzindo percursos e burocracias, estimulando o inter-relacionamento entre as coordenadorias dos cursos, revitalizando e aprimorando as questões programáticas e incentivando o diálogo entre o corpo docente. (COELHO, 2010, p. 72)

Ao lado desse bloco encontra-se a biblioteca, que recebe diariamente uma média de 1.500 pessoas entre universitários, servidores e comunidade externa. Esse bloco, de três pavimentos, apresenta dois setores verticalizados: o primeiro, voltado para a entrada, consiste no acervo e instalações administrativas; o segundo, com vista para o lago, abriga os espaços de estar e leituras.

O centro de pós-graduação e extensão não estava previsto no Plano Diretor do *campus*, sendo construído em 2005 para suprir necessidades específicas desses cursos, que não estavam sendo comportados nos blocos didáticos. “A condição de flexibilidade do plano permitiu a implantação de edifícios que não estavam previstos inicialmente, como por exemplo, o Biotério e o Centro de Pós-Graduação, sem o comprometimento funcional e estético do conjunto.” (COELHO, 2010, p. 17) Implantado no eixo de circulação principal, a concepção arquitetônica do centro

dialoga com o prédio da biblioteca, ao lado. Além da estrutura didática, apresenta o salão de eventos e o Pequeno Auditório, com capacidade para 714 lugares.

O último espaço do setor cívico é a capela ecumênica, implantada sobre o lago do *campus*, com conexão feita por meio de uma passarela metálica. A proposta do volume multifacetado e irregular consistia em que o templo não se destinasse a nenhum culto ou religião específicos, mas pudesse abrigar as diversas formas de pluralidade espiritual. Prevista no Plano Diretor e inaugurada em 11 de setembro de 2002, um ano após o atentado terrorista às torres gêmeas em Nova York, a capela “seria uma homenagem e estímulo à luta pela Paz Mundial.” (COELHO, 2010, p. 106)

O setor de eventos, inaugurado em 2008, abriga espaços para a realização de congressos, encontros, exposições, feiras, festas e shows, que podem ser distribuídos em duas estruturas, o pavilhão Expo Unimed Curitiba e o Teatro Positivo.

“O Grande Teatro Positivo, implantado em meio a um bosque preservado e um grande lago, é o maior teatro do Estado do Paraná e um dos maiores do Brasil, com capacidade para 2.400 espectadores.” (COELHO, 2010, p. 126) Em formato de arena, o teatro foi criado não apenas para servir à universidade, mas para colaborar na supressão da carência por espaços adequados a grandes espetáculos em Curitiba.



Imagem 3.2.1.8 – Mapa esquemático: Plano Diretor da UP. Fonte: COELHO, 2010.

1 Blocos Didáticos
 2 Reitoria
 3 Biblioteca
 4 Centro Pós-Graduação
 5 Praça de Alimentação
 6 Centro de Vivência
 7 Ginásio de Esportes/Piscina

8 Quadras Poliesportivas
 9 Laboratórios
 10 Templo da Paz (capela)
 11 Teatro Positivo
 12 Centro de Eventos
 13 Hotel

3.3 CONSIDERAÇÕES

O primeiro estudo de caso, Universidade do Texas em Dallas, consiste em um projeto de requalificação de *campus* universitário que muito se aproxima da intervenção pretendida por esse Trabalho Final de Graduação (TFG). Da mesma forma como o Centro Politécnico da Universidade Federal do Paraná (UFPR), o *campus* universitário iniciou sua história nos anos 1960, época em que os paradigmas da arquitetura modernista estavam em voga, a partir das reflexões e obras de grandes mestres como Le Corbusier e Mies van der Rohe. Ambos os *campus* universitários estudados apresentam concepção arquitetônica baseada nesses modelos, sendo que a UT Dallas seguiu o viés brutalista do movimento, enquanto o Centro Politécnico se embasou em conceitos peculiares à obra de Rubens Meister, ou seja, sua interpretação particular da arquitetura modernista.

Os dois espaços apresentaram uma evolução construtiva que ocorreu aos poucos, adotando parâmetros de implantação de edificações bastante arbitrários, não seguindo uma ordem coerente pré-estabelecida prevista em planejamento a longo prazo. Isso se deve principalmente ao fato de ambas as instituições não estarem ainda tão consolidadas, pois o papel relevante que apresentam na sociedade atual foi resultado de um processo gradativo.

O projeto paisagístico aplicado na UT Dallas consistiu em uma intervenção pontual, que não consiste no tratamento ideal para o caso de *campus* universitários. O projeto poderia ser melhor aproveitado se tratado de forma integrada em toda a sua extensão. Entretanto, essa forma de intervenção pode ser justificada se considerarmos o grau de complexidade de um projeto destinado à totalidade do espaço, justificativa também empregada pela autora para limitar a área de intervenção do TFG. Além disso, as intervenções paisagísticas pontuais já foram

tratadas em estudos¹¹ que defendem sua aplicação como forma de melhorar a qualidade de grandes áreas a partir de um foco limitado.

O segundo estudo de caso, Universidade Positivo (UP), em Curitiba, não se trata propriamente de um caso de requalificação, entretanto, foi selecionado porque a análise do processo projetual e construtivo, das diretrizes que determinaram o Plano Diretor, e das implicações práticas das decisões de projeto convergem em um estudo que muito se relaciona ao tema do presente trabalho. Nesse exemplo, verifica-se a realidade muito similar entre as duas universidades, por se tratarem, ambos os casos, de *campi* universitários implantados em terrenos amplos e arborizados na cidade de Curitiba¹², articulados pela Rede Integrada de Transporte da cidade. Sendo assim, o estudo da UP contribui para analisar a realidade do Centro Politécnico da UFPR e para nortear as diretrizes gerais do projeto de requalificação do mesmo.

Através do estudo de caso da UP fica clara a importância da determinação do Zoneamento de Uso e Ocupação do Solo, bem como da necessidade de reservar espaços para o surgimento de demandas futuras. Além disso, também foi possível notar que não há a adoção de um partido marcante de projeto paisagístico, mas as preocupações com a formação de panoramas paisagísticos estiveram presentes desde sua concepção inicial. Apesar dessa postura bastante acertada, ainda faltou um pensamento paisagístico mais consolidado. O tratamento dos espaços livres do *campus* acabou se tornando um reflexo do zoneamento e das condicionantes arquitetônicas – bem trabalhadas – evidenciando, entretanto, certo distanciamento na relação entre usuário e vegetação – que tem sua força expressiva limitada ao bosque.

¹¹ Jaime Lerner, ex-prefeito de Curitiba e ex-governador do Paraná, engenheiro e arquiteto, discorre acerca do tema em seu livro *Acupuntura Urbana*.

¹² Pelo fato de ser apresentado um estudo mais detalhado a respeito dos aspectos geográficos, demográficos, econômicos, históricos, sociais e culturais da cidade de Curitiba no Capítulo 4: Análise da Realidade, foram tratadas aqui apenas apresentações mais superficiais, direcionadas às especificidades do entorno da UP.

4 ANÁLISE DA REALIDADE

4.1 CURITIBA

4.1.1 Aspectos geográficos

Curitiba localiza-se na Região Sul do Brasil, Estado do Paraná, no Primeiro Planalto Paranaense. A cidade está situada abaixo do Trópico de Capricórnio, com latitude 25°25'48" Sul, longitude 49°16'15" Oeste e a 945 m acima do nível do mar (PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 2011).

De acordo com a classificação de tipos climáticos de Köppen-Geiger, enquadra-se no clima mesotérmico Cfa, ou seja, subtropical de altitude ou temperado úmido, com pluviosidade média de 1500 mm ao ano, o que caracteriza uma cidade com precipitações frequentes. As estações de verão e inverno são bem definidas: o verão é ameno, com temperatura média de 21°C; e o inverno rigoroso (Imagens 4.1.1.1 e 4.1.1.2), com média de 13°C, quando frequentemente ocorrem geadas. A cidade é notoriamente conhecida pelas amplas variações climáticas durante o dia, principalmente devido à forte radiação solar nos dias sem nebulosidade, que transmitem breve sensação de calor entre as 10:00 e 14:00, retornando mais tarde à sensação de frio.



Imagem 4.1.1.1 – Foto: A neve embranquece os jardins, 1928. Fonte: GUINSKI, 2002.



Imagem 4.1.1.2 – Foto: Jardins da Praça Santos Andrade, cobertos de neve, 1975. Fonte: Guinski, 2002.

Por esse motivo, podem ser considerados agradáveis tanto os lugares ensolarados quanto aqueles com sombra, devido à variação climática diária e às grandes diferenças de temperatura entre as estações frias e quentes. Sendo assim, os projetos paisagísticos elaborados para Curitiba devem prever espaços confortáveis para os usuários se protegerem tanto do frio quanto do calor. Além disso, é importante inserir coberturas que permitam a conexão entre espaços para impedir que a chuva seja um empecilho à movimentação de pedestres. Outro aspecto relevante na criação de espaços confortáveis é a proteção contra os ventos fortes durante as estações mais frias. Essa proteção pode consistir em elementos construídos como muros, estátuas, monumentos e paredes de edificações, ou em elementos naturais como vegetação, diferença de cotas e barreiras naturais.

4.1.2 Sistema viário

Curitiba apresenta malha viária consolidada em diversos modais. Os principais acessos à cidade são feitos por meio das rodovias BR-116 – sentido Norte-Sul – e BR-277 – sentido Leste-Oeste.

Além disso, existe, desde o século XIX, a ferrovia que liga Curitiba às cidades do interior e do litoral paranaense, fazendo uma importante conexão para o escoamento de cargas. O serviço ferroviário está muito relacionado às atividades de importação e exportação do Porto de Paranaguá, um dos mais importantes do Brasil. A instalação do Porto de Paranaguá e da estrada de ferro foram fundamentais para o desenvolvimento econômico paranaense, tanto por meio do crescimento e modernização da produção agrícola no interior do estado, como no tangente à instalação de indústrias, principalmente na Cidade Industrial de Curitiba (CIC) na Região Metropolitana de Curitiba (RMC). Esses fatores contribuíram para o crescimento populacional da cidade, especialmente através da geração de novos empregos.

A partir dos dados enunciados, é possível verificar que Curitiba apresenta diversos modais de acesso de cargas – que evidencia seu potencial econômico - e de passageiros. A disponibilidade de diversas formas acesso de pessoas à cidade é significativa para a UFPR, pois consiste em uma facilidade para que ela mantenha o intercâmbio cultural com outras instituições do estado e do país, tanto por meio dos programas de mobilidade acadêmica, quanto por ocasião de grandes eventos estudantis, científicos, artísticos, entre outros.

Além desses fatores, Curitiba se destaca pelo seu inovador sistema de mobilidade urbana, a Rede Integrada de Transporte (RIT), implantada nos anos 1970 com a inauguração dos primeiros ônibus expressos – que circulam por canaletas, vias específicas que dispensam o tráfego regular de carros – e consolidada nos anos 1980, com a adoção da tarifa única, a ampliação das linhas e da frota de ônibus e a criação dos terminais nos bairros - possibilitando a conexão entre linhas distintas pelo preço de uma só passagem. Nos anos 1990, foram adotados os ônibus biarticulados nas linhas do expresso e as estações-tubo, destinadas aos ligeirinhos.

É evidente a importância da facilidade e a multiplicidade de acessos, seja para o município, ou para os bairros, seja para uma instituição, como o Centro Politécnico da Universidade Federal do Paraná. Não faz sentido promover as atividades que ocorrem em um estabelecimento visando a atração de pessoas, se não é prevista a forma como essas pessoas irão acessá-lo. A acessibilidade ao campus deve ser trabalhada tanto em função das atividades acadêmicas cotidianas, quanto em função das extraordinárias, como por ocasião de vestibulares, feiras de profissões, festivais culturais, etc.



Imagem 4.1.2.2 – Foto: Primeiro expresso de Curitiba. Fonte: GUINSKI, 2002.

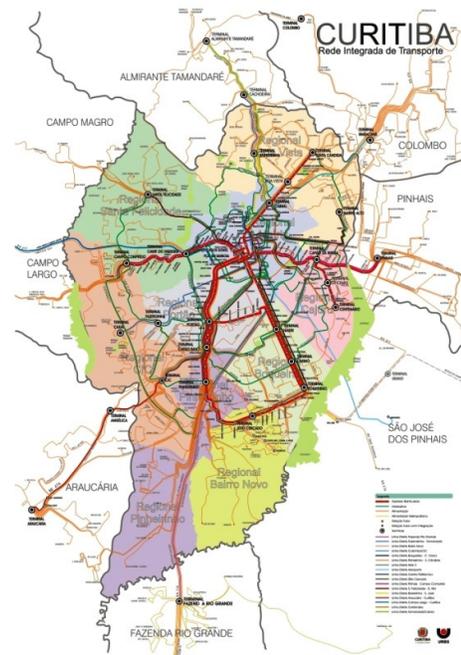


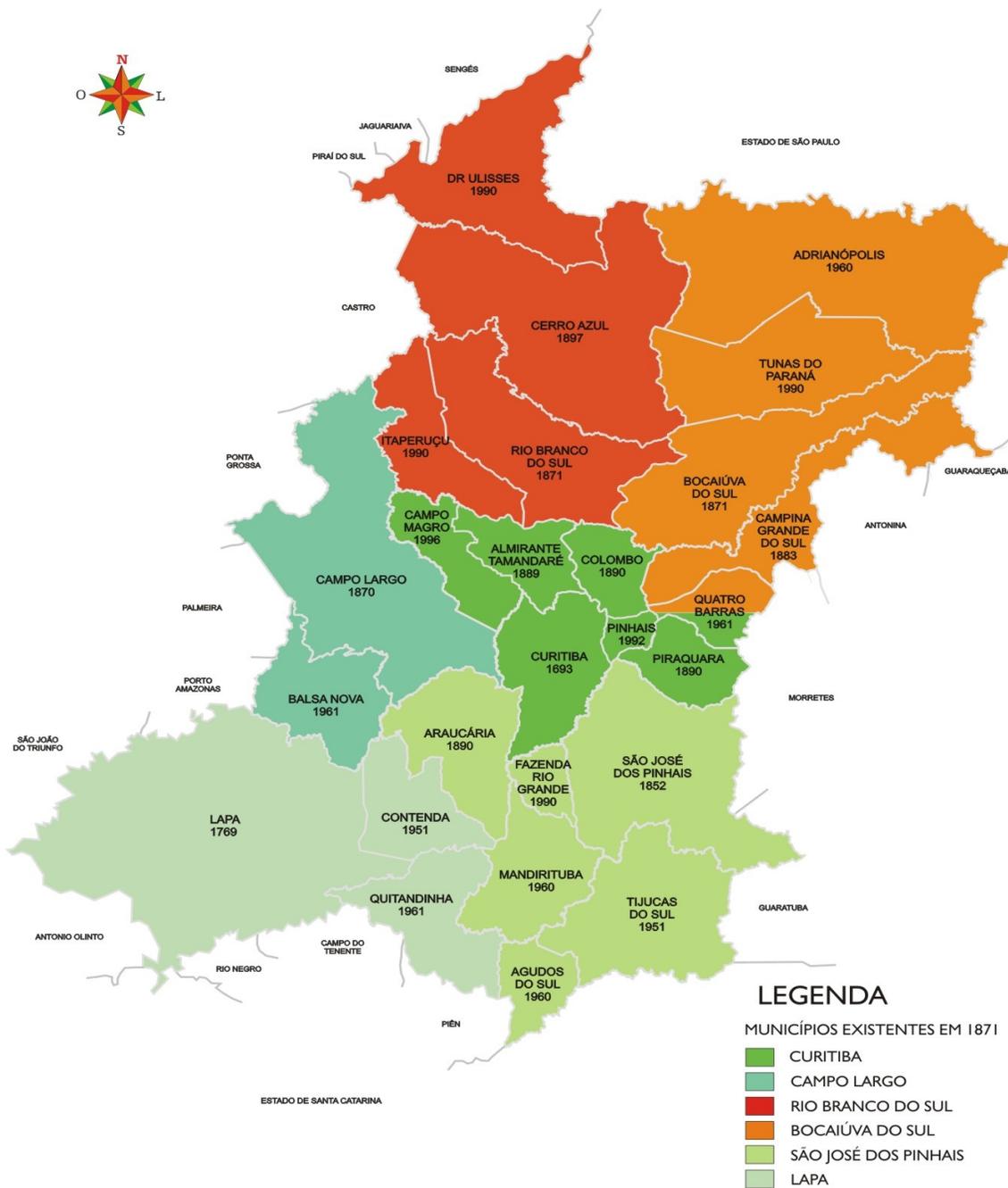
Imagem 4.1.2.3 – Mapa: RIT, 2006. Fonte: IPPUC, 2011.

4.1.3 Aspectos político-administrativos

O município não apresenta zona rural, e se divide em 75 bairros organizados em nove regiões administrativas: Matriz – Central; Santa Felicidade e Boa Vista – Norte; CIC – Oeste; Cajuru – Leste; Portão, Boqueirão, Bairro Novo e Pinheirinho – Sul (IPPUC, 2011). Os dez bairros com maior densidade demográfica são: Água Verde, Centro, Sítio Cercado, Juvevê, Cristo Rei, Vila Izabel, Cajuru, Bigorrihlo, Novo Mundo e Portão (IPPUC, 2000). A Região Metropolitana de Curitiba (RMC) consiste em uma mancha urbana contínua formada a partir do processo de conurbação, composta por 26 municípios.

O município de Curitiba é um polo econômico e cultural cuja influência atinge vasta extensão além de seus limites. A UFPR contribui para a consolidação dessa influência no âmbito educacional, por meio da atração de estudantes residentes fora da cidade.

MAPA
REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA COM DATA DE FUNDAÇÃO DOS MUNICÍPIOS
SOBRE COMPOSIÇÃO MUNICIPAL EM 1871



FONTE: COMEC, FCC, IPPUC

Imagem 4.1.3.1 – Mapa: Região Metropolitana de Curitiba (RMC). Fonte: IPPUC, 2011.

4.1.4 Aspectos demográficos e sociais

Com uma população total de 1.751.907 habitantes e área de 435,27 km², Curitiba apresenta uma densidade demográfica de 4.024,84 habitantes por km² e taxa de crescimento geométrico de 0,99% (IBGE 2010). O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é 0,856 (IPEA, 2000)¹³ e o Índice IPARDES de Desempenho Municipal (IPDM) é 0,8509 (IPARDES, 2008)¹⁴, ambos considerados altos segundo os critérios de classificação.

A diversidade étnica é uma das características da população curitibana, devido aos grandes contingentes de imigrantes que vieram morar na capital a partir do final do século XIX.

Ela [a imigração] contribui decisivamente para formar uma população diferenciada do resto do país e com forte predominância européia. Característica que também acontece em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, onde, no entanto, os imigrantes não são de tantos povos diversos. (GUINSKI, 2002, p. 50)

4.1.5 Hidrografia

Os rios do Estado do Paraná estão distribuídos em 16 Bacias Hidrográficas, sendo que Curitiba se situa na maior delas, a Bacia do Rio Iguaçu, que abrange toda a parte sul do estado, com 70.800 km² (SUDERHSA, 2011). Esta, por sua vez,

¹³ O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é o indicador utilizado pela Organização das Nações Unidas (ONU) para medir e classificar o grau de desenvolvimento de países, estados e municípios. Os critérios de avaliação são: a) educação, b) longevidade e c) renda. Até 2010, o IDH era classificado em **alto** (entre 1 e 0,800), **médio** (entre 0,799 e 0,500) e **baixo** (entre 0,499 e 0). A partir de 2010, as classificações mudaram para quatro grupos, relativos aos resultados de cada país. Os primeiros 42 países posicionados apresentam IDH **muito alto** (entre 0,938 e 0,788); os 43 seguintes, **alto** (entre 0,784 e 0,677); os 42 seguintes, **médio** (entre 0,669 a 0,488) e os últimos 42; **baixo** (entre 0,470 e 0,140) (PNUD, 2011).

¹⁴ O Índice IPARDES de Desempenho Municipal (IPDM) é o indicador utilizado pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social para medir e classificar o grau de desenvolvimento dos municípios paranaenses. Os critérios de avaliação são: a) emprego, renda e produção agropecuária; b) educação e c) saúde (IPARDES, 2011).

subdivide-se em Bacia do Alto Iguaçu – que abrange a Região Metropolitana de Curitiba – e Bacia do Médio e Baixo Iguaçu – que abrange o interior do estado.

4.1.6 História e planejamento urbano

A região onde Curitiba hoje se encontra era inicialmente habitada por índios jês, tingüis e tupis-guaranis. No século XVII, após a fundação da Vila de Paranaguá, a povoação do planalto curitibano se iniciou espontaneamente, em diversos arraiais, com atividades de mineração, criação de gado e com a instalação de pequenas lavouras de subsistência. Os colonizadores pioneiros no recebimento de sesmarias¹⁵ foram Mateus Martins Leme e Baltazar Carrasco dos Reis, que promoveram a primeira eleição para a Câmara de Vereadores.

Logo, o povoado se faria importante: em 4 de novembro de 1668, o capitão-mor de Paranaguá, Gabriel de Lara, atendendo requerimento de dezessete famílias, mandou levantar um pelourinho de madeira em frente à primitiva capela de pau-a-pique, coberta de palha. Mas o símbolo de autoridade não foi acompanhado da garantia de justiça e administração, com a estrutura necessária para a criação oficial da vila. Gabriel de Lara simplesmente nomeou Mateus Leme como capitão-povoador. E os moradores continuavam tendo que ir a Paranaguá resolver as questões legais. Vinte e cinco anos depois, a população insistia na constituição da vila. [...] O capitão-povoador resolveu, então, atender às petições. (GUINSKI, 2002, p. 17)

Em 29 de março de 1693, foi fundada a Vila de Nossa Senhora da Luz e do Bom Jesus dos Pinhais de Curitiba¹⁶. No ano de 1720, o Ouvidor Geral de São Paulo, Raphael Pires Pardini chegou ao local, rebatizando-o como Vila de Curitiba e instituindo uma série de providências que consistiram nas primeiras preocupações

¹⁵ “Sesmaria – lote de terra cedido pela Coroa portuguesa” (COTRIM, G., 2002, p. 238), a povoadores para estimular a produção agrícola e a colonização do território brasileiro. A partir da doação da sesmaria, o recebedor passava a ser chamado *sesmeiro*.

¹⁶ De origem indígena, a palavra significa *pinheiral* ou *lugar de muito pinhão*, em referência à grande quantidade de araucárias da região.

com a organização e o planejamento, como instalação de equipamentos públicos, medidas de saneamento, determinação de parâmetros construtivos, entre outros.

A povoação se desenvolveu a partir do local onde hoje se encontra a Praça Tiradentes: de início, apenas pequenas moradias simples de taipa ou pedra, concentradas ao redor das Igrejas da Ordem¹⁷, do Rosário¹⁸ e da Matriz. A vila situava-se em ponto estratégico do caminho das tropas, a “Estrada Real”, também chamada “Caminho do Viamão” – que conectava os Estados de Minas Gerais e São Paulo à Região Sul do Brasil. O tropeirismo exerceu significativa influência no desenvolvimento da vila, que passou a fornecer provimentos e local de pouso aos tropeiros. Ainda assim, permanecia isolada devido à precária conexão com o litoral, que se fazia por meio de caminhos estreitos inadequados ao transporte de mercadorias. O efetivo processo de crescimento da Vila de Curitiba se iniciou a partir do século XIX, durante o ciclo econômico da erva-mate, cujo consumo há muito já fazia parte dos costumes da população da Região Sul do país, bem como de argentinos e uruguaios. Inicialmente a produção do Paraná não era tão significativa, pois o mate já era amplamente produzido e comercializado pelos jesuítas e paraguaios.

O mate só vem a ter grande expressão no Brasil depois da expulsão dos jesuítas, da destruição das missões indígenas por bandeirantes, portugueses e espanhóis, e do retraimento do Paraguai. [...] É esse comércio promissor, principalmente, que leva aos esforços para a abertura de estrada carroçável ligando o planalto ao litoral. [...] o Paraná começa a exportação regular, em 1882. (GUINSKI, 2002, p. 59)

A independência do Brasil e o desenvolvimento da economia ervateira contribuíram para disseminar entre os paranaenses o desejo pela autonomia, dando início às lutas pela emancipação política. Em 1853, o Paraná deixou de ser Comarca de São Paulo e passou à condição de Província, ficando Curitiba – já transformada

¹⁷ Inicialmente, Capela de Nossa Senhora do Terço. Construída em 1730, atualmente é a edificação mais antiga de Curitiba.

¹⁸ Igreja do Rosário dos Pretos de São Benedito.

em cidade em 1842 – estabelecida como capital. Em 19 de dezembro de 1853 toma posse Zacarias de Góes e Vasconcellos, primeiro presidente da Província do Paraná.

O novo governo estadual, interessado em expandir a colonização do Paraná, passou a incentivar oficialmente a vinda de imigrantes, por meio da Lei nº 29 de 1855. Anteriormente, a população de Curitiba era formada principalmente por brancos descendentes de portugueses, além de índios, negros, mulatos e pardos. A partir de então, a cidade passou por um processo de diversificação étnica e cultural, de crescimento populacional e aumento das atividades sociais, com a criação de clubes e sociedades tradicionais.

Além disso, a imigração está relacionada ao crescimento da produção agrícola ervateira e industrial, uma vez que alemães, argelinos, austríacos, espanhóis, franceses, holandeses, ingleses, italianos, poloneses, russos, suíços e ucranianos passaram a constituir a principal força de trabalho rural e urbano. Reunidos em grupos de mesma origem a fim de facilitar a convivência e preservar os costumes próprios, os imigrantes formaram diversas colônias¹⁹, essenciais para a conservação e propagação da cultura de cada etnia. Apesar de ter havido uma segregação inicial, a miscigenação se difundiu intensamente, e atualmente é possível verificar a herança dos povos europeus nos aspectos físicos e culturais da população curitibana.

A avassaladora presença dos estrangeiros é uma das principais referências de Curitiba. Fundam escolas, inovam o comércio, iniciam pequenas indústrias, introduzem as atividades artísticas, modificam os costumes. Da plena aceitação à desconfiança e ao preconceito, as reações dos antigos curitibanos variam. Mas, irreversivelmente, a capital da Província vai evoluindo. (GUINSKI, 2002, p. 53)

O processo de urbanização se iniciou a partir da emancipação política, e então se tornou necessário garantir a infra-estrutura da nova capital, com a

¹⁹ “Só no município de Curitiba, são criadas quinze colônias nas décadas de 1860 e 1870 [...]” (GUINSKI, 2002, p. 53)

instalação do Palácio do Governo, Assembléia Legislativa, Liceu, Quartel de Polícia, Cadeia, Correio, Biblioteca, Arquivo Público e reforma da Igreja Matriz. Em 1857 surgiram as primeiras preocupações a respeito da malha viária. O engenheiro francês Pierre Taulois, inspetor de medições de terras públicas, ficou encarregado de promover reformas e desapropriações que visavam garantir que a cidade apresentasse um traçado viário regular e com largura adequada. “O primeiro código de Zoneamento foi estabelecido pela Câmara de Vereadores em 1831 e estabelecia o binômio Ruas Principais e Sistemas Construtivos objetivando deslocar a massa desfavorecida para a periferia da Cidade.” (GOMES, E. R., [2007?], p. 91)

Além disso, são tomadas as primeiras medidas para a abertura de um caminho qualificado de acesso ao litoral, a Estrada da Graciosa. “Em 1862 foi construída a primeira via de acesso, a Estrada da Graciosa, em seguida surge a Ferrovia Curitiba-Paranaguá e em 1893 ocorreu o prolongamento desta ferrovia aos demais centros urbanos, Ponta Grossa, São Paulo e Rio Grande [do Sul].” (GOMES, E. R., [2007?], p. 91)

No final do século XIX, durante a administração de João Pedrosa, foram realizadas obras de saneamento, com ampliação do fornecimento de água e instalação de iluminação pública a querosene. Quanto às novas edificações da cidade, destacam-se o Mercado Municipal – posteriormente demolido, dando lugar ao edifício do antigo Paço Municipal, na atual Praça Generoso Marques –, o Teatro São Teodoro – que mais tarde viria a ser o primeiro Teatro Guayra –, a reforma da Igreja da Ordem – e a reconstrução da Igreja da Matriz – demolida em 1876 devido a problemas estruturais gerados pela construção das torres anexas, sua reconstrução, em estilo neogótico, se iniciou no ano seguinte, sendo que as obras se prolongaram durante 26 anos.

Em 1880, Curitiba recebe a visita do imperador D. Pedro II, que, entre outras aparições solenes, inaugura o Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia.

A passagem de D. Pedro II pela Província anima os paranaenses, com o apoio do governo imperial, para a construção efetiva da estrada de ferro

Curitiba-Paranaguá. A concessionária da empreitada, a empresa francesa *Compagnie Générale des Chemins de Fer Brésiliens*, começa as obras em 1880. [...] A Rua Leitner, depois da Liberdade e atual Barão do Rio Branco, é escolhida para abrigar a Estação Ferroviária, por estar, inclusive, próxima do caminho do Mato Grosso (região do Batel e Seminário), local de indústrias e engenhos de mate. [...] Vencidas todas as dificuldades, a Estrada de Ferro fica pronta e é inaugurada com grande festa em 2 de fevereiro de 1885, numa viagem de Paranaguá para Curitiba. A partir de então, torna-se a porta de entrada da capital. (GUINSKI, 2002, p. 36)

Com a estrada de ferro e a instalação da Estação Ferroviária, a região central iniciou um processo de acelerado crescimento, a partir da atual Rua Barão do Rio Branco – que concentrava os primeiros hotéis da cidade – e da Praça Eufrásio Correia, que passou a ser local de reuniões e solenidades.

Criado em 1886, o Passeio Público foi o primeiro parque de Curitiba, dando início a uma postura oficial de preocupação com o meio ambiente – proteção de áreas verdes - e com a qualidade de vida – saneamento e lazer.

Até então, os curitibanos conviviam com um grande pântano naquela região do rio Belém. Os inconvenientes eram muitos e o crescimento da capital indicava a necessidade de saneamento e urbanização. Em sua administração, o presidente da Província, Alfredo d'Escragnole Taunay, que promove a arborização e o calçamento de ruas, resolve enfrentar o problema transformando a área de terrenos alagadiços num parque. [...] Dezenas de operários trabalham nos serviços de drenagem, escavação do lago, limpeza do tanque, canais, construção das pontes e plantação de árvores. (GUINSKI, 2002, p. 38)

A instalação do Passeio, além de ajudar a resolver o problema dos alagamentos constantes, exerceu significativa influência na vida social da cidade, pois foram instalados equipamentos de diversão como carrossel e gôndolas, que propiciavam passeios agradáveis aos transeuntes, e contribuíam para a geração de empregos. O Passeio Público marcou presença na história da sociedade curitibana, passando por altos e baixos, e influenciando até hoje nas dinâmicas da cidade.

No ano seguinte, começou a funcionar a primeira linha de transporte público, ligando os Bairros Alto da Glória e Batel, e operando em bondes puxados por mulas e burros, que foram substituídos posteriormente por energia elétrica.

Após a Proclamação da República, o primeiro prefeito eleito em Curitiba foi Cândido de Abreu. Suas principais medidas foram a instalação da rede de luz elétrica e a revisão do Código de Posturas, a fim de atingir maiores condições de salubridade.

Em 1905 a Câmara de Vereadores aprova o Código de Posturas que visa[sic] valorizar a zona central da cidade e regulamentava aspectos de conduta e higiene. Este código dividia a cidade em três zonas: a Urbana, a Suburbana e o Rossio e obrigava a adotar normas construtivas e hierarquização de usos do solo.

Na década de 1910 as ruas do centro foram pavimentadas com paralelepípedos e os bondes, até então puxados por mulas, foram substituídos pelos de tração elétrica.

As obras públicas se dedicavam à região central e o restante da cidade foi ocupado segundo as antigas estradas. [...]

Na década de 30, com a crise na economia da erva-mate, o governo, por falta de recursos para investir nas grandes obras, voltou-se para o planejamento, sendo suas funções reavaliadas e a cidade dividida em três zonas: ZONA 1 (central, destinada ao comércio e moradias de alto padrão), ZONA 2 (destinada a fábricas e moradias de operários qualificados), ZONA 3 (moradias de operários menos qualificados e pequenos sitiantes). (GOMES, E. R., [2007?], p. 91)

4.2 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

“[...] a história do Paraná se divide entre antes e depois da fundação da Universidade.” (BURMESTER (org.), *et al.*, 2002, p. 13)

No ano de 2012, completará cem anos de existência a primeira universidade do país, a Universidade Federal do Paraná, e cinquenta anos seu Curso de Arquitetura e Urbanismo. Sua trajetória mudou a vida de muitas pessoas e definiu os rumos da História, na medida em que contribuiu para a formação profissional, intelectual e cívica de um povo. Sendo assim, a celebração dessas datas e o resgate da memória coletiva são significativas não apenas para a própria instituição e para

aqueles a quem está diretamente ligada – alunos, professores, servidores –, mas para toda a população curitibana, paranaense e brasileira.

A história da Universidade Federal do Paraná remonta ao início do século passado: em 1853, o Paraná alcançou a emancipação política, desvinculando-se do Estado de São Paulo. Entre 1912 e 1916, perdeu para o Estado de Santa Catarina uma significativa área de terra, a região rica em erva-mate e madeira, localizada a sudoeste e denominada região do Contestado, durante a guerra que levou o mesmo nome. Diante dos novos acontecimentos, o Paraná necessitava de algo que desse início a processo de consolidação da sua identidade.

Nesse contexto conflituoso e instável, a Lei Rivadávia Corrêa foi implementada em âmbito nacional, no ano de 1911, e conferiu plena liberdade ao ensino no Brasil, por meio de uma postura de desoficialização da educação. Esse novo panorama em que passou a se enquadrar o ensino superior brasileiro propiciou o surgimento de um entusiasmo geral entre os paranaenses, desencadeando as primeiras tentativas de criação de uma universidade.

[...] em novembro de 1912, dois grupos distintos, um liderado por Victor Ferreira do Amaral [e Silva] e outro por Nilo Cairo, juntam-se para criar a Universidade do Paraná [...] Pois bem, aos 19 dias de dezembro de 1912, o Paraná proclama sua emancipação intelectual, fundando a Universidade do Paraná. (BURMESTER (org.) *et al.*, 2002, p. 9-10)

A nova universidade funcionou inicialmente como instituição particular, e foi instalada no antigo sobrado de Manuel Miró, um dos grandes produtores de erva-mate do Paraná, que havia se mudado para outro palacete em local distinto. A locação do estabelecimento permitiu a instalação de salas de aula, laboratórios, gabinetes, biblioteca e espaços administrativos. Já nesse momento ficou evidente a necessidade de instalação em edificação própria – cujas obras foram iniciadas no mesmo ano –, visto que no primeiro ano letivo, 1913, a universidade já apresentava quase uma centena de alunos. Os primeiros cursos foram: Ciências Jurídicas e Sociais, Engenharia, Odontologia, Farmácia e Comércio. Após a mudança de

instalações, o sobrado passou a abrigar a Maternidade do Paraná, até 1930 e o Instituto da Criança, até os anos 1940.

Victor Ferreira do Amaral e Silva, o primeiro reitor, imediatamente tomou as providências necessárias para a concepção do novo prédio. Já em 1914 os cursos de Engenharia, Farmácia e Medicina ocuparam as novas instalações, na Praça Santos Andrade, em terreno privilegiado – devido à sua centralidade – cedido pela Prefeitura Municipal. O projeto é de Guilhermino Baeta de Faria, engenheiro de Minas Gerais, radicado em Curitiba, um dos responsáveis pelas obras da estrada de ferro Paraná - Minas Gerais. Ao se estabelecer no Paraná, Baeta de Faria acabou se envolvendo com a criação da universidade e se tornou professor do curso de Engenharia.

Seu projeto, enquadrado dentro do ecletismo brasileiro, apresenta similaridade com os teatros municipais de diversas capitais brasileiras – São Paulo, Rio de Janeiro, Manaus, entre outras –, aproximando-se dessas edificações não apenas em estilo, mas em suntuosidade. “Ao visitá-lo em 1916, o historiador Romário Martins, num arroubo iluminista, chama-o de ‘Palácio da Luz’ – e, no entanto, na mesma ocasião já se constata sua insuficiência.” (BURMESTER (org.) *et al.*, 2002, p. 35). De fato, as dimensões iniciais do edifício eram mais reduzidas em comparação com as atuais, tendo sofrido ampliações e modificações sucessivas. Inicialmente mais estreito, o prédio apresentava certa verticalidade, claramente marcada por uma cúpula, vista da fachada principal, a Praça Santos Andrade.

No decorrer da Primeira Guerra Mundial o Governo Federal desenvolve uma intolerância com relação às iniciativas independentes nos estados. Por isso, em 1915 é instituída a Lei Maximiliano, que abala a integridade da universidade, invalidando a liberdade de ensino concedida pela Lei Rivadávia. Apenas os municípios com população de cem mil habitantes poderiam abrigar uma universidade, “[...] e a Curitiba de então, aproximadamente, teria duas terças partes desse contingente.” (BURMESTER (org.) *et al.*, 2002, p. 37) Sendo assim, de modo que os cidadãos não perdessem a oportunidade de instrução dentro das

qualificações do ensino superior, foi acatada a resolução de dissolver a universidade, em 1918, em faculdades distintas:

Criaram-se as Escolas de Engenharia, Medicina e Direito, cada qual com seu patrimônio – vale dizer, o terreno [do “Palácio da Luz”] foi fatiado e construído por essas unidades, separadamente. Felizmente houve o bom senso de que os edifícios se configurassem num conjunto, podendo ser entendidos como uma única instituição, atestando que a restauração era um ideal sempre presente. (BURMESTER (org.) *et al.*, 2002, p. 37-38)

Somente três décadas mais tarde, em 1946, a Universidade do Paraná volta a ser reconhecida e Victor Ferreira do Amaral e Silva é mantido no cargo de reitor. Com o surgimento de novos cursos nessa época, surge a necessidade de readequar as dimensões do edifício da Praça Santos Andrade. São executadas ampliações à esquerda e à direita do corpo inicial, de forma a concretizar a simetria do conjunto. Nesse processo são adotadas modificações de ordem estilística no conjunto, adquirindo características que apresenta atualmente.

A incidência de outras propostas plásticas, sobrepostas à nova leitura do classicismo, resulta no Eclétismo, momento de sincretismo estilístico. Tentar voltar ao neoclássico é uma atitude recessiva em relação à sucessão das tendências – mas é modernista em sua essência, visto como faz parte do ideário modernista a rejeição do Eclétismo. (BURMESTER (org.) *et al.*, 2002, p. 36)

O Curso de Agronomia, instituído em 1915 na Escola Agrônômica, ocupou inicialmente o antigo edifício do Ginásio Paranaense, tendo sido transferido para o “Palácio da Luz” em 1927. Instalou-se, em 1940, no Edifício Carlos Cavalcanti, seguindo o mesmo padrão estético de outras construções contemporâneas da cidade, como o Colégio Estadual do Paraná, o CEFET – atual UTFPR – e o Correio Velho: o estilo *art-déco*, que consiste em uma arquitetura de transição entre o Eclétismo e o Modernismo, caracterizado pela geometrização de ornamentos e emprego de materiais industrializados. Ainda hoje o edifício abriga o Setor de Ciências Agrárias.

A incipiente rejeição do academicismo e difusão dos ideais modernistas começa a tomar forma em Curitiba, especialmente com as obras públicas realizadas no Centro Cívico, por ocasião do Centenário de Emancipação Política do Estado. Acompanhando esse momento de afirmação do Modernismo e entusiasmo com relação ao progresso e crescimento da cidade, a universidade iniciou um processo de expansão. No ano de 1950 alcançou o apoio do Governo Federal, tornando-se Universidade Federal do Paraná. A partir de então seu crescimento se acelerou: com a criação de novos cursos e ampliação dos antigos, Curitiba tornou-se o pólo educativo do estado. A instituição se viu obrigada a transferir os cursos de Medicina e Engenharia para outras localidades, visto que necessitavam ampliar suas dimensões e fornecer aparatos específicos para comportar o desenvolvimento de suas especializações e o crescimento da oferta de vagas.

Assim como o edifício da Praça Santos Andrade, o Hospital de Clínicas localiza-se em terreno na área central nobre da cidade, em posição privilegiada, conferindo ampla visibilidade ao conjunto. O projeto foi elaborado nos anos 1940, pelo Dr. Odair Pacheco Pedroso, e sua construção se iniciou em 1949. Durante os dez anos que se seguiram, a construção do complexo – empregando amplamente o concreto – foi marcada por sucessivas ampliações e adaptações, que conferiram ao conjunto um resultado carente de unidade. O bloco principal é o mais verticalizado, e foi concebido dentro do *art déco* pré-modernista, enquanto os demais blocos já se enquadram plenamente dentro do modernismo. Posteriormente, em 1968, foi acrescentado outro bloco, projeto do arquiteto José Genuíno de Oliveira – do Escritório Técnico da Prefeitura da UFPR – contendo salas de aula, biblioteca e espaços administrativos. A Maternidade do Paraná funcionou inicialmente no sobrado Miró, depois foi transferido para o “Palácio da Luz” e, finalmente, em 1969, adquiriu bloco específico no Hospital de Clínicas. Além dos prédios do complexo, o Setor de Ciências da Saúde abrange construções localizadas em outros terrenos centrais da cidade, como é o caso do bloco didático, o Diretório Acadêmico Nilo Cairo (DANC) – edifício onde funcionou a Policlínica Garcez do Nascimento – e o

Núcleo Profilático Professor Pereira Filho. É possível enquadrar o Hospital de Clínicas dentro do contexto das obras do Centenário de Emancipação Política do Paraná, devido ao caráter modernista do edifício, ao processo de ampliação e modernização da universidade, e à participação inicial do Governo do Estado – até a federalização da universidade – no financiamento da obra.

O curitibano David Azambuja, formado arquiteto em 1931 pela Escola Nacional de Belas Artes – devido à inexistência de Cursos de Arquitetura na cidade até então – foi um dos responsáveis pelas obras realizadas no Centro Cívico por conta do Centenário, e ficou também responsável, em 1953, pelo projeto do novo complexo do Setor de Ciências Humanas – os edifícios Dom Pedro I e II – e da Reitoria da Universidade Federal do Paraná, localizados nas proximidades da Praça Santos Andrade. De caráter modernista,

O projeto proposto por Azambuja e aprovado pela Universidade consta de duas lâminas – com sete e doze pavimentos – entre as quais o bloco de três pavimentos da Reitoria, ao qual está ligado o auditório. A área entre os três blocos, protegida pela massa edificada, fica livre. [...] o vocabulário adotado: soltura dos volumes sobre colunas (pilotis) para liberação de área no térreo, *brise-soleil* fixo na elevação sudoeste e janelas comuns na elevação oposta. O uso de rampas para circulação vertical fica evidenciado por grandes áreas envidraçadas, as laterais dos blocos são cegas. [...] E, no entanto, o uso desse vocabulário [...] numa cidade com altitude média próxima dos mil metros resultou num edifício bastante desconfortável, frio. (BURMESTER (org.) *et al.*, 2002, p. 61)

Os edifícios foram concluídos em 1958, abrigando as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras – fundadas vinte anos antes – no Dom Pedro I e a Faculdade de Ciências Econômicas no Dom Pedro II. O auditório projetado por David Azambuja teve sua construção protelada. Posteriormente, quando foi efetivamente executado, optou-se por outro projeto, do engenheiro Rubens Meister, também responsável pelo Centro Politécnico.

O Centro Politécnico, implantado em extensa área no bairro Jardim das Américas, passa a abrigar, no ano de 1961, os Cursos de Engenharia, visto que já

não eram mais comportados no edifício da Praça Santos Andrade. O campus do Centro Politécnico será mais amplamente abordado nos tópicos seguintes, visto que consiste no objeto principal de estudo do presente trabalho.

O processo de ampliação da Universidade Federal do Paraná cessou entre as décadas de 1970 e 1980, sendo retomado nas décadas seguintes, com o Campus do Jardim Botânico. A primeira edificação do campus foi a subsede do Setor de Ciências Sociais, e posteriormente, novas instalações abrigaram as Faculdades de Odontologia, Farmácia e Nutrição, cursos tradicionais da universidade, que se localizavam no edifício da Praça Santos Andrade. Essas construções foram projetadas em 1994 por um grupo de trabalho formado pelos arquitetos Amalia Pont, Clovis Boguszewski, Eunice Vianna e Vania Deeke. O Setor de Ciências Sociais Aplicadas, que compreende os Cursos de Administração, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas e Gestão da Informação – criados em 1945, em atividade no Edifício Dom Pedro II –, atualmente funciona no complexo mais recente dentro das edificações da universidade, de autoria do arquiteto José Sanchotene, inaugurado em 2002.

O Curso de Engenharia Florestal, que faz parte do Setor de Ciências Agrárias, foi inaugurado em Curitiba no ano de 1963, localizado inicialmente no Centro Politécnico e, dois anos mais tarde, no atual campus de Comunicação. Posteriormente, adquire estrutura própria no Campus do Jardim Botânico, em edifício projetado pelas arquitetas Cleusa de Castro e Nadia Kudrek.

Os edifícios projetados no Campus do Jardim Botânico já não se enquadram no contexto ou na estética modernistas. Todos eles recorrem à estética pós-moderna, que não apresenta ideais de funcionalidade, materiais ou plasticidade definidos, sendo caracterizados pela grande liberdade conceitual, que confunde-se com uma efetiva indefinição arquitetônica.

Vê-se que, não possuindo uma proposta formal explícita, a pós-modernidade arquitetônica só é identificável na medida em que nega o Modernismo. Em outras palavras, não propondo uma plasticidade específica,

permitiu, sucessivamente, várias intenções. Todas refluíram, por inadequadas ao fim/início de milênio: mais uma revisão do classicismo, alta tecnologia como definidora da plástica, Modernismo reformulado – e todas tendendo, perigosamente, ao *kitsch*, ou nele, incidindo conscientemente. (BURMESTER (org.) *et al.*, 2002, p. 86)

A trajetória da UFPR, pautada pelo viés de sua expansão estrutural evidencia sua importância na história da cidade e sua significativa contribuição para a sociedade curitibana e paranaense.

4.3 CENTRO POLITÉCNICO

A construção do Centro Politécnico está relacionada à necessidade de expansão da Faculdade de Engenharia da Universidade Federal do Paraná. Assim como os Cursos de Medicina e Direito, a Faculdade de Engenharia surgiu juntamente com a fundação da universidade, em 1912, funcionando no antigo sobrado de Manuel Miró.

Já em 1914, a Engenharia estava funcionando no edifício da Praça Santos Andrade, juntamente com os demais cursos iniciais da Universidade. Foi dos primeiros a sentir necessidade de espaço para expansão: houve aumento da ala da Rua XV de Novembro em 1925 e novamente em 1946, prolongando-se esta obra até 1954. Ao fim de cada etapa, constatava-se a necessidade de mais espaço. (BURMESTER (org.) *et al.*, 2002, p. 67)

Nos anos 1950, a Prefeitura Municipal doou para a Universidade Federal do Paraná um terreno de 500 mil metros quadrados, localizado no bairro Jardim das Américas. A universidade optou por instalar no local apenas os Cursos de Engenharia, daí a denominação de Centro Politécnico, cujas atividades se iniciaram no ano de 1961, e durante as quatro décadas seguintes foi local preferencial de expansão da universidade.

Para a concepção do projeto e gerenciamento das obras, foi criada uma comissão, presidida pelo engenheiro Rubens Meister, e por outros profissionais

como os professores Paulo Augusto Wendler, Ralph Jorge Leitner e Samuel Chamecki. A escolha de Rubens Meister demonstra o interesse em que o Centro Politécnico consistisse em símbolo de modernidade e tecnologia. Meister já há duas décadas vinha se destacando no cenário da arquitetura curitibana, tendo participado das obras do Centro Cívico da cidade, por conta do Centenário de Emancipação Política do Paraná, com a nova sede da Prefeitura Municipal e o Teatro Guaíra, além de outras obras de destaque. A carreira de Rubens Meister contribuiu significativamente para a expansão do Modernismo em Curitiba, bem como para a consolidação da identidade da cidade. Por esse motivo, a vida e conjunto de sua obra serão mais aprofundados no tópico a seguir.

4.3.1 Rubens Meister

Rubens Meister nasceu na cidade de Botucatu, no Estado de São Paulo, em 31 de janeiro de 1922. A família, de origem suíça, sempre viveu em Curitiba, residindo apenas durante um breve período no interior paulista, retornando à capital paranaense cinco meses após o seu nascimento. O pai, Albino Meister, era comerciante do ramo da importação de tecidos.

A infância de Rubens Meister foi marcada por dois incidentes que comprometeram permanentemente a sua saúde: ainda muito novo, acometeu-o a poliomielite, a qual, apesar de curada, deixou seqüelas; posteriormente, sofreu um acidente quando um fardo de tecidos da empresa de seu pai caiu em sua perna, prejudicando sua capacidade locomotora por toda a vida. Esses acontecimentos motivaram particularmente uma preocupação constante com aspectos relacionados à acessibilidade em suas obras, e insistia que os demais projetistas, principalmente os responsáveis por edificações públicas, também prestassem especial atenção a esse aspecto.

Quando criança, cursou o primeiro grau na Escola Senhor Bom Jesus, que se dividia em duas seções: a brasileira, com ensino em português, e a

DeutscheKnabeschule, com ensino em alemão, a qual freqüentou. Foi durante a infância que começou a desenvolver o talento para o desenho e a pintura, obtendo o reconhecimento e incentivo de seus professores. Na adolescência, cursou o segundo grau no Ginásio Paranaense, onde conheceu e fez amizade com diversas personalidades que posteriormente viriam a ser de significativa importância para o quadro da construção civil em Curitiba.

“Antes [...] de entrar para o Curso de Engenharia [...], matriculou-se no curso de pré-engenharia, uma fase intermediária, com duração de dois anos, que servia como preparatório para as aulas na Universidade.” (SUTIL; GNOATO, 2005, p. 15) Nesse período teve início sua carreira profissional, trabalhando no escritório de engenharia Calvi de Souza Tavares, no Departamento de Engenharia da Aeronáutica, no aeroporto do Bacacheri, e finalmente, na Construtora Irmãos Thá, onde adquiriu uma vasta experiência de trabalho que resultou em significativo aperfeiçoamento profissional, evoluindo tanto como desenhista quanto projetista. Seu trabalho na construtora perdurou por quatro anos e proporcionou um reconhecimento que lhe abriu portas para outros empreendimentos.

Em 1943, Rubens Meister formou parceria com Romeu Paulo da Costa em virtude do concurso para o Panteão dos Heróis da Lapa, no qual se classificaram em primeiro lugar. David Carneiro, presidente da comissão julgadora do concurso, incitou ainda mais em Meister o desejo de estudar arquitetura, afirmando ser esta a sua verdadeira vocação, e incentivando-o a participar dos testes de seleção para a Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Após ter iniciado o Curso de Engenharia Civil, finalmente juntou dinheiro e coragem para ir até o Rio de Janeiro, onde realizou os testes de admissão da Escola de Belas Artes. No período em que esteve na Escola, Meister pôde observar os trabalhos realizados pelos alunos e constatou que já dominava os conhecimentos que o curso oferecia. Além disso, ponderou que a duração do curso, de seis anos, era um empecilho a sua prática profissional, e decidiu levar em consideração os anos que já havia dedicado aos estudos de engenharia. Sendo assim, apesar de

adquirir a terceira colocação no processo seletivo, decidiu retornar a Curitiba e finalizar seus estudos na faculdade de engenharia.

O Curso de Engenharia Civil na Universidade do Paraná – que se tornaria Universidade Federal do Paraná em 1950 – foi concluído em 1947, aos 25 anos de idade. No ano seguinte, assumiu o cargo de professor assistente na disciplina Construção Civil e Arquitetura, lecionada pelo professor Ildelfonso Puppi, do Curso de Engenharia Civil, que “subsidiava principalmente os alunos de engenharia que iriam se dedicar à arquitetura” (SUTIL; GNOATO, 2005, p. 52) e cujo programa abrangia estudos de teoria e história da arquitetura.

Dois anos mais tarde, com a federalização da Universidade do Paraná e com o pedido de aposentadoria de professores mais antigos, foi nomeado Catedrático Interino da mesma disciplina. O título definitivo de Catedrático veio em 1957, após concurso público de provas, títulos e tese [Morfologia dos cine-auditórios]. (SUTIL; GNOATO, 2005, p. 25).

Em 1948 participou do concurso público promovido pelo Estado do Paraná para a escolha do projeto do novo teatro de Curitiba, o Teatro Guaíra. A comissão julgadora do concurso era composta por profissionais atuantes e acadêmicos, tanto conservadores quanto modernistas, enfim, um grupo diversificado, o que implicou em uma classificação bastante heterogênea.

Como foi dada a liberdade de escolha de estilos aos concorrentes, surgiram desde propostas acadêmicas até as modernas. E foi a escolha de propostas mais conservadoras para o primeiro e o segundo lugar o estopim de uma discussão que chegou às páginas da imprensa. O primeiro lugar coube à Construtora Nacional; a segunda colocação foi para o arquiteto Carlo Barontini, numa proposta semelhante à da Ópera de Paris. Rubens Meister, [...] obteve, com sua linguagem modernista, o terceiro lugar. E foi a apresentação de um projeto moderno que gerou a polêmica, iniciada pelo jornal *Gazeta do Povo*, que insuflava seus leitores afirmando que o estilo do teatro não poderia ser outro senão o moderno. (SUTIL; GNOATO, 2005, p. 38)

A construção do Teatro Guaíra fazia parte do conjunto de obras empreendidas por ocasião da comemoração do Centenário de Emancipação Política do Estado do Paraná, em 1953, promovidas pelo então governador Bento Munhoz da Rocha Netto. Tais obras abrangiam, além do teatro, o novo complexo do Centro Cívico, a Biblioteca Pública e os monumentos erguidos na Praça 19 de Dezembro e sua expressão estética deveria refletir os ideais de modernidade e desenvolvimento econômico que estavam em voga na época, em especial o caráter progressista do governo de Bento Munhoz. Sendo assim, o governador interveio pessoalmente no concurso para o projeto do teatro, elegendo o trabalho de Rubens Meister para ser edificado, em detrimento dos demais classificados, de estética mais acadêmica.

E assim começaram as obras de construção do Teatro Guaíra que, inicialmente projetado na Praça Rui Barbosa, foi transferido, de modo a não se perder uma praça de vital importância para o centro da cidade. Sendo assim, o teatro foi implantado em frente à Praça Santos Andrade, estabelecendo uma complementação harmoniosa à fachada do edifício sede da Universidade Federal do Paraná de estética clássica. A conclusão do teatro demorou mais de duas décadas para acontecer, enfrentando diversos problemas relacionados à falta de verbas e até mesmo um incêndio. Quando finalmente concluído, em 1974, o Teatro Guaíra tornou-se um marco histórico e arquitetônico para Curitiba e para o Paraná, pois, associado às demais obras do Centenário, representa o início da arquitetura do Movimento Moderno na cidade.

No início da década de 1950, e concomitantemente à ativa carreira acadêmica – que incluiu, além da atuação como professor nos cursos de engenharia e arquitetura, a ocupação de cargos administrativos e a participação em bancas examinadoras de concursos para professores –, Rubens Meister abriu seu próprio escritório, um dos primeiros de Curitiba a realizar exclusivamente projetos de arquitetura. Nessa época, já havia trabalhado para diversas construtoras, e queria consolidar seu nome dentro da arquitetura curitibana, de modo que seu trabalho não ficasse ofuscado pelo nome de grandes construtoras.

[...] Meister consolidou seu nome na década de 1950 e entrou os anos 60 como o mais importante e prestigiado escritório de arquitetura da cidade, num profissionalismo pioneiro: ele foi um dos primeiros profissionais a lutar pelos direitos autorais do arquiteto. (SUTIL; GNOATO, 2005, p. 30)

No ano de 1956, foi presidente da Comissão responsável pela criação do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná, com professores convidados de diversas partes do país, possibilitando a formação de arquitetos em Curitiba. Até então, só existiam Cursos de Arquitetura nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte.

Depois da criação do curso de arquitetura e urbanismo na UFPR, em 1962, a direção da universidade não permitiu que Meister cursasse Arquitetura, com o argumento de que era professor na mesma universidade. Foi paraninfo da primeira turma do curso de Arquitetura e Urbanismo, turma essa especial para formandos em Engenharia Civil, que incluía Jaime Lerner (1937-) e Lubomir Ficinski (1929-). (SUTIL; GNOATO, 2005, p. 52)

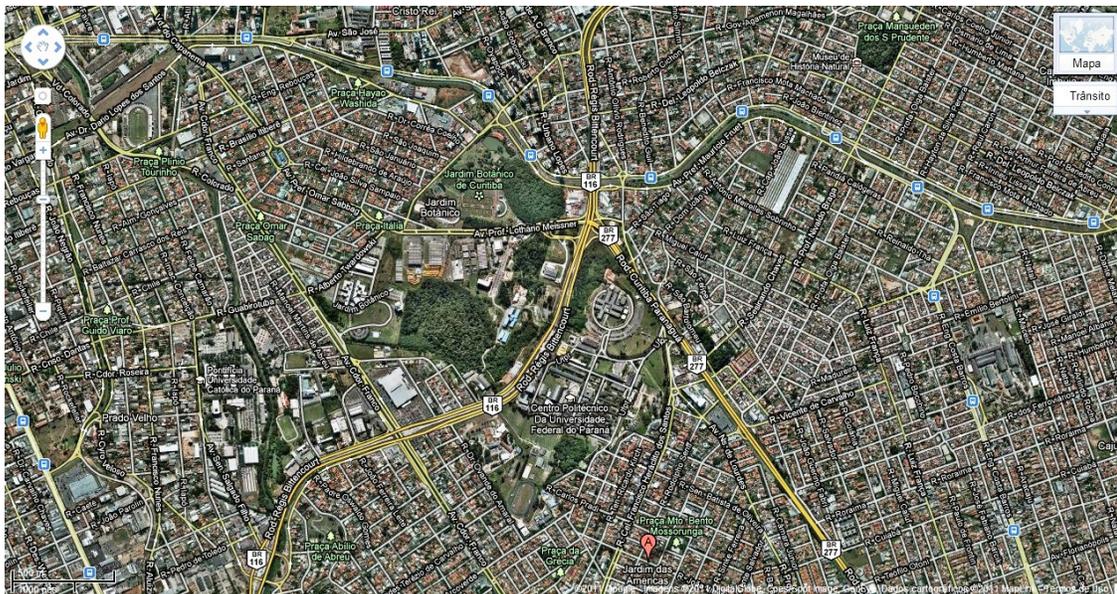
No decorrer de sua vida, Rubens Meister foi nomeado para integrar as mais diversas comissões, tratando de assuntos acadêmicos de universidades por todo o país, e inclusive de questões do planejamento urbano de Curitiba. Além disso, devido à notabilidade que a concepção do Teatro Guaíra trouxe ao seu nome, e com a maturidade conceitual que adquiriu a partir da rica experiência que uma série de viagens pelo mundo lhe proporcionou, Meister passou a ser requisitado para a realização de grande quantidade de projetos dentro e fora da cidade, atendendo aos mais variados programas: edifícios comerciais, institucionais, residências, entre outros. Dentre os mais representativos, é possível citar a rodoviária antiga de Curitiba – atualmente Terminal Guadalupe de transporte coletivo urbano –, a Rodoferroviária, o SESC da Esquina, o Teatro da Reitoria, o complexo do Centro Politécnico e o atual Paço Municipal de Curitiba, o Palácio 29 de Março.

Com a saúde fragilizada, Rubens Meister morreu em 29 de julho de 2009, aos 87 anos, deixando as marcas de sua importância para a arquitetura do Paraná.

4.3.2 Inserção urbana

O Centro Politécnico está localizado no Bairro Jardim das Américas, na região sudeste de Curitiba. A implantação de um campus universitário nessa região específica da cidade já fora prevista pela Prefeitura Municipal desde a elaboração do Plano Agache, o primeiro Plano Diretor da cidade, elaborado em 1943.

O Bairro Jardim das Américas – extensão de 3,87 km², equivalente a 0,9% da área da cidade - localiza-se entre os Bairros Capanema, Cajuru e Guabirota, na região administrativa do Cajuru-Leste, a 5 km do centro de Curitiba (IPPUC, 2000). Apresenta população de 13.966 habitantes, equivalente a 0,88% da população de Curitiba e densidade demográfica de 36,05 habitantes por km². A população estimada para o ano de 2020 é de 18.964 habitantes, com uma taxa de crescimento de aproximadamente 1% ao ano. A faixa etária média da população do bairro é de 33,68 anos, sendo 47,97% homens e 52,03% mulheres. 85,24% da população é branca, e 12,44% apresentam algum tipo de deficiência física. A economia do bairro está centrada nos setores comerciais (48,66%) e de serviços (42%). A proporção de áreas verdes é de 3,92 m² por habitante, distribuídos em oito jardinetes e seis praças. Esses espaços não apresentam nenhum tipo de equipamento esportivo de uso público, um potencial que pode ser explorado no TFG. O Jardim das Américas é um bairro predominantemente residencial, de baixos gabaritos.



4.3.2.1 – Foto aérea: inserção urbana. Fonte: Google Maps, 2011.

4.3.3 Plano Diretor

O atual Plano Diretor da UFPR foi elaborado a partir da Resolução nº 50/2009 feita pelo Conselho de Planejamento e Administração (COPLAD), durante a administração do Reitor Zaki Akel Sobrinho, tendo como coordenadora a Prof. Maria Luiza Marques Dias. O objetivo do PD consistiu em definir as diretrizes que nortearão os futuros processos de ocupação dos espaços da UFPR de maneira adequada. Na nota de abertura, o PD se define da seguinte maneira:

Este documento apresenta uma síntese da situação atual da UFPR relativamente a seus espaços e indica diretrizes para a ocupação, ampliação e manutenção desses mesmos espaços, normatiza e regula as futuras expansões. Foi amplamente discutido com a comunidade universitária em todas as suas instâncias e, levado ao Conselho de Planejamento e Administração, foi por ele aprovado em dezembro de 2009, constituindo-se, portanto no Plano Diretor da UFPR que deverá ser o instrumento de regulação dos espaços da Instituição. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Prefeitura da Cidade Universitária, 2011, p. 4)

Na apresentação do PD, afirma-se que a UFPR esteve sempre em processo de crescimento e expansão, processo evidenciado em grandezas quantitativas – número de alunos, professores e servidores – e qualitativas – novas atividades e necessidades. Por isso há uma constante demanda pela criação de novos espaços e pela requalificação de espaços antigos. O PD direciona a adequação da universidade a esse processo, articulando Projetos Complementares – coordenados por instâncias administrativas específicas - que contemplam a resolução de questões de pequena abrangência, não previstas pelo PD.

Antes do atual, o último PD foi aprovado em 1998 e vinha sendo considerado defasado por apresentar propostas que não acompanharam as mudanças dos últimos anos, inadequadas às condições atuais da universidade. Por esse motivo, o PD de 1998 não estava sendo empregado para seu propósito original, como norteador dos novos empreendimentos da universidade, mas apenas como instrumento de consulta esporádica, em que se constatava conflito integral entre o pretendido e o recomendado. Sendo assim, se fazia necessária a sua revisão, o que veio a acontecer após uma década. (Anexos)

O atual PD procura resolver esses problemas a partir da definição de diretrizes mais coerentes com o quadro atual, levando em conta a adesão da UFPR ao Programa REUNI de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – elaborado pelo Governo Federal em 2007 e vinculado ao Ministério da Educação (MEC) –, o qual amplia a disponibilidade de verbas destinadas às universidades, desde que as mesmas cumpram um programa de metas estipuladas pelo ministério. Apesar de recente, a adesão ao programa já reflete mudanças perceptíveis no cenário de crescimento da universidade, com o aumento da disponibilidade de vagas, ampliação e requalificação de estruturas, aquisição de materiais, entre outros.

O perfil geral da estrutura da UFPR é definido no PD da seguinte maneira:

A estrutura de funcionamento da UFPR é semelhante à de uma cidade: 6 *campi*, (3 em Curitiba, 2 no litoral e 1 em Palotina, com edifícios de salas de aula, laboratórios, bibliotecas, teatro, hospitais, restaurantes, áreas de lazer,

áreas e construções esportivas, residências). Tem amplitude espacial compatível com o território do Estado do Paraná onde atua tanto em ações diretamente vinculadas aos campi como em ações de extensão e pesquisa com capilaridade em todo o estado. A UFPR conta hoje com quase 880 ha de área total e mais de 350.000 m² de áreas edificadas em aproximadamente 300 edifícios. Tem cerca de 21500 alunos de graduação, 7000 alunos de pós-graduação, (sendo 3450 *stricto sensu* e 3770 *latu sensu*, além de 250 na residência médica e 20 na residência veterinária), 6864 servidores (sendo 2164 docentes e 4700 técnicos administrativos inclusive os da FUNPAR que prestam serviços à Instituição, especialmente ao Hospital de Clínicas) totalizando uma população diretamente envolvida de aproximadamente 40000 pessoas. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Prefeitura da Cidade Universitária, 2011, p. 12)

A partir dos dados quantitativos é possível concluir que a UFPR é uma instituição de significativas proporções, equiparando-se a grandes universidades de outras capitais. Por isso, para a elaboração do PD foram buscados como referenciais os modelos de ordenamento da expansão de outras universidades públicas nacionais e internacionais, como a Universidade de São Paulo (USP), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Universidade Nacional da Colômbia.

A partir desses estudos foi possível identificar propostas gerais elaboradas no PD dessas universidades que podem ser aplicadas ao caso da UFPR, influenciando na definição das diretrizes, tais como:

- a) Melhorias relacionadas à acessibilidade e à organização de fluxos;
- b) Integração com o entorno urbano e a malha viária;
- c) Estímulo à integração através do aprimoramento da conexão entre os espaços;
- d) Estímulo ao convívio por meio da criação de espaços adequados ao encontro e à permanência;
- e) Priorização do pedestre;
- f) Instalação de infra-estruturas em pontos de carência;
- g) Respeito ao Patrimônio Histórico;

h) Divulgação e conscientização da comunidade acadêmica sobre a existência e importância do PD;

i) Adoção do planejamento participativo no processo de elaboração do PD;

j) Documentação das pesquisas, diagnósticos e propostas elaborados;

k) Criação de uma coordenadoria específica para gerenciar o PD.

4.3.3.1 Diretrizes gerais para a UFPR

A partir da revisão do PD de 1998, da análise dos PD de outras universidades e dos problemas e demandas a serem solucionados na atualidade e no futuro, foram determinadas 16 diretrizes gerais para a UFPR, a saber:

- **Garantir o interesse maior da Universidade** frente ao atendimento a necessidades pontuais de um outro setor/departamento;
- **Buscar a diversidade** de usos e garantir a presença de alunos e atividades de ensino de graduação no maior número possível dos espaços e edifícios ocupados pela UFPR;
- **Otimizar espaços livres e construídos** da Universidade em todos os campi organizando fluxos e demandas por área;
- Permitir a integração das atividades precípuas da Universidade entre si e com a comunidade, servindo-se de idéias que valorizem o **compartilhamento e a permeabilidade**;
- Remanejar atividades e funções de modo a permitir que todas as atividades - ensino, pesquisa, extensão e administração – sejam exercidas com **condições de trabalho adequadas**;
- Valorizar as atividades de integração da comunidade universitária com a arte e o esporte;
- Dar visibilidade ao conhecimento gerado em locais específicos como **museus e espaços culturais**;
- Agregar atividades com grau de complexidade semelhante de maneira a **otimizar as redes de infra-estrutura**;
- Privilegiar a verticalização nas novas construções, adequando à necessidade de garantir **a acessibilidade universal, a otimização do uso do solo**. Na verticalização procurar atender salas de aula e outras de uso intensivo nos primeiros pisos e sequencialmente: laboratórios (quando houver e quando possível), atividades administrativas e gabinetes de professores;
- Desenvolver, sempre que possível, projetos que permitam atividades de diferentes funções de maneira a garantir **o uso intensivo do edifício e uma distribuição de fluxos** com vistas à maximização do uso da infra-estrutura instalada. e dos recursos investidos;

- **Valorizar os espaços livres** com a criação de áreas de convivência e de integração acadêmica;
- Estabelecer um **código de posturas** para as novas edificações e adequar, quando possível as edificações existentes a essas normativas de maneira a facilitar a manutenção e minimizar custos.
- **Organizar o fluxo de veículos** com um sistema viário completo atendendo as diferentes hierarquias de tráfego, entre elas o transporte cicloviário e as vias de pedestres;
- Prever novas **áreas de estacionamento**, quer seja em espaços adequados ainda livres e possíveis de uso para essa atividade, quer seja pela previsão de áreas para a instalação de edifícios garagem com gerenciamento a ser desenvolvido pela administração;
- Definir padrão para **projetos arquitetônicos** a serem utilizados quando de propostas de ampliação.
- Garantir que as atividades de pesquisa sejam realizadas em edifícios especialmente projetados para esse fim denominados **condomínios de laboratórios**. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Prefeitura da Cidade Universitária, 2011, p. 20-21)

4.3.3.2 Uso e ocupação do solo da UFPR

A classificação do uso e ocupação do solo foi realizada a partir da determinação do Zoneamento da universidade – instrumento urbanístico direcionado à organização de grandes espaços. Para facilitar a compreensão e conferir unidade de linguagem entre os mapas dos diversos *campi*, optou-se pela aplicação, em todas as unidades, da mesma classificação: Zona de Restrição à Ocupação, Zona Consolidada, Zona em Consolidação, Zona de Reordenamento, Zona de Expansão, Zona Especial, Zona de Ordenamento Ambiental, Zona de Concentração de Usos e Zona de Manejo Agropecuário.

4.3.5.3 Diretrizes gerais para o *Campus* Centro Politécnico - Jardim Botânico (*Campus* III)

As diretrizes gerais para o Centro Politécnico - o maior *campus* da UFPR - foram elaboradas com base na análise de condicionantes naturais - topografia, vegetação e recursos hídricos - e antrópicos – edifícios construídos. A análise das

condicionantes, deficiências e potencialidades do *campus* foram traçados no PD da seguinte maneira:

De modo geral, o que chama a atenção no uso dos espaços do Campus III é:

1. Sua secção em duas grandes áreas pela Linha Verde (antiga BR 116), exigindo soluções para a ligação por veículos e pedestres;
2. Baixa relação com o entorno urbano;
3. Existência de espaços que ainda podem ser ocupados, porém em redução devido à intensificação da demanda por ampliações e novas construções;
4. Comprometimento de alguns de seus espaços devido a uma questionável implantação no terreno;
5. Necessidade de revisão de seus acessos devido ao intenso fluxo nas suas vias de acesso (sobretudo Jardim Botânico) e à urbanização da BR-116 (com construção de rótula entre as duas grandes áreas do Campus);
6. Este campus abriga os Setores de Ciências Biológicas, Ciências Exatas, Ciências da Terra, Tecnologia, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Agrárias e Ciências da Saúde (esses três últimos localizados na área do Botânico). (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Prefeitura da Cidade Universitária, 2011, p. 40)

A partir do diagnóstico foi possível traçar as diretrizes gerais para o campus:

- Estabelecer a regularização fundiária do patrimônio;
- Garantir o cumprimento da legislação ambiental incidente na área, principalmente com relação às áreas de preservação permanentes;
- Desenvolver estudos dos acessos ao Campus III, principalmente aqueles na Linha Verde e na Rua Prof. Lothário Meissner, levando em conta a legislação municipal vigente e visando a integração com o tecido urbano;
- Melhorar a circulação e a mobilidade no interior do Campus III;
- Desenvolver estudos para otimização, ordenamento e ampliação das áreas de estacionamento;
- Ordenar e otimizar a ocupação das áreas do Campus III, visto que é muito grande a demanda por ampliações e novas construções, evitando o comprometimento de seus espaços;
- Otimizar o uso do solo com relação aos parâmetros definidos pelo Município de Curitiba, em especial quanto à área voltada para a Linha Verde. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Prefeitura da Cidade Universitária, 2011, p. 41)

Em seguida, o PD apresenta o mapa do Zoneamento traçado para o *campus*, além do quadro de Parâmetros de Uso e Ocupação do Solo e dos mapas esquemáticos explicando as ações pontuais previstas no Centro Politécnico. (Anexo)

4.3.3.4 Planos complementares

Atualmente estão sendo elaborados cinco Planos Complementares para a UFPR, sendo que dois deles dizem respeito ao Centro Politécnico: o Plano de Resíduos Sólidos e o Plano Viário.

Outros Planos Complementares considerados importantes e que deverão integrar as atividades da Coordenação do Plano Diretor, são: **Obras e normas de edificação** [...], **Sustentabilidade** [...], **Acessibilidade universal** [...], **Monitoramento e segurança** [...], **Paisagístico**: Na elaboração dos novos edifícios, tem-se proposto também ações paisagísticas para seus entornos imediatos, porém é necessária uma proposta única para cada um dos *campi* que garanta padronizações e distinções de espaços e vias; **Regularização do patrimônio da universidade** [...]; **Organização funcional do Hospital de Clínicas**. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Prefeitura da Cidade Universitária, 2011, p. 61-62)

5 DIRETRIZES DE PROJETO

5.1 OBJETIVOS

5.1.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste Trabalho Final de Graduação (TFG), cujo tema é a Requalificação da Paisagem do Centro Politécnico da Universidade Federal do Paraná (UFPR), é melhorar a qualidade estética e funcional do *campus*, intensificando a sua utilização e promovendo em seus usuários o sentido de pertencimento à universidade.

5.1.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos deste TFG são:

- a) Melhorar a qualidade estética e funcional dos espaços livres do Centro Politécnico.
- b) Organizar os fluxos de circulação, procurando resolver os conflitos intra e intermodais existentes e garantir a acessibilidade universal.
- c) Integrar ambientes e fluxos, conferindo unidade espacial ao *campus*
- d) Estimular a convivência entre os universitários.
- e) Estimular a convivência entre a comunidade acadêmica e a comunidade externa por meio da intensificação da utilização do *campus*.
- f) Promover a identificação dos usuários com o espaço e com a instituição, de modo a valorizar o *campus* e reduzir os atos de depredação.
- g) Promover a diversificação das atividades exercidas nos espaços livres.
- h) Incentivar a apreciação das espécies vegetais, despertando o interesse pela atividade de contemplação.
- i) Estimular todas as formas de iniciativas sustentáveis.

5.2 DIRETRIZES

As diretrizes gerais propostas para o presente TFG a partir dos objetivos específicos são:

a) Considerando a impossibilidade do projeto em abranger todo o *campus*, devido ao grau de complexidade da tarefa, é necessário estabelecer o local de intervenção do projeto. A delimitação da área de intervenção deve ser escolhida de modo a otimizar os resultados do projeto. As opções devem abranger os locais em que há grande quantidade e variedade de demandas, fluxos intensos e usos significativos.

b) Determinar soluções para a questão dos estacionamentos. Priorizar o fluxo de pedestres e bicicletas, determinando áreas de calçadas e ciclovias. Projetar espaços adequados à acessibilidade universal. Melhorar a ênfase dos acessos. Buscar soluções de articulação com a malha viária.

c) Adotar unidade de tratamento de pisos, mobiliário e vegetação ao longo de toda a área de intervenção. Estabelecer relações entre os usos que ocorrem dentro dos edifícios e os usos imediatamente externos.

d) Construir espaços agradáveis destinados a usos variados: passagem, permanência, contemplação, encontro e convívio. Ter como premissa de projeto a qualidade dos materiais e espécies vegetais escolhidos.

e) Planejar espaços destinados ao uso da comunidade externa como pistas de caminhada, áreas com equipamentos de lazer, áreas para eventos abertos, etc. Propor a intensificação de sistemas de segurança que permitam que os usuários não fiquem inibidos a utilizar os espaços.

f) Inserir equipamentos flexíveis que permitam a multiplicidade de usos e elementos que despertem o interesse do usuário, além de ícones representativos da instituição.

e) Empregar a vegetação como elemento cenográfico, de modo a chamar a atenção dos usuários do espaço.

f) Adaptar o projeto às condicionantes existentes.

i) Projetar espaços que adotem materiais de grande duração ou de natureza renovável. Conhecer as pequenas iniciativas sustentáveis do meio acadêmico, e procurar os espaços de forma a promover o desenvolvimento das mesmas²⁰

5.3 METODOLOGIA DE PROJETO

A elaboração do projeto terá como embasamento a metodologia utilizada pelo arquiteto paisagista Sun Alex²¹, que consiste nas seguintes etapas:

- a) Pesquisa histórica;
- b) Análise de contexto;
- c) Inserção urbana;
- d) Levantamento da situação existente;
- e) Observação de usos e atividades;
- f) Identificação de conflitos entre projeto e uso por meio de pesquisas de pós-ocupação;
- g) Elaboração do programa de necessidades.

5.4 PLANO DE TRABALHO

De acordo com a metodologia apresentada acima, as etapas *a*, *b*, *c* e *d* foram apresentadas nesta monografia sob aspectos teóricos. Na próxima etapa do TFG, a elaboração do projeto, serão executadas todas as etapas, com exceção da primeira. As etapas *b*, *c*, *d*, *e* e *f* devem ser realizadas sob um viés mais pragmático, com elaboração e análise de croquis e mapas esquemáticos, que permitam a

²⁰ Um exemplo de aplicação dessa diretriz é destinar espaços fixos para a adequação do Programa Carona Solidária, promovido pelo C7 no *campus*.

²¹ Metodologia utilizada na elaboração da tese de doutorado do autor, posteriormente adaptada e publicada no livro ALEX, S. **Projeto da praça**: convívio e exclusão no espaço público. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2008.

visualização espacial dos problema. A elaboração de mapas síntese conduzirá mais facilmente à adoção do partido do projeto.

As etapas *e* e *f* serão realizadas no decorrer do primeiro mês, para que se possa ter amplitude de observação que possibilite ter uma ideia mais precisa do variado leque de usos, conformidades e inconformidades, definindo quais são os predominantes. As observações realizadas seguirão a metodologia criada por Jan Gehl²² para classificar os tipos de atividades exercidas em espaços públicos, a saber:

a) *Atividades necessárias*: são as atividades praticadas no cotidiano, geralmente por obrigação. Realizadas durante as mais variadas datas e condições, seu desempenho é relativamente independente da qualidade do espaço exterior.

b) *Atividades opcionais*: são as atividades eletivas, recreativas, prazerosas e agradáveis. Realizadas em momentos e condições favoráveis, apresentam relação de dependência com a qualidade do espaço exterior.

c) *Atividades sociais*: são as relações interpessoais. Incluem todos os tipos de interações entre indivíduos, desde relações profundas e significativas até as mais superficiais - dependendo principalmente da familiaridade das pessoas com o local. Podem ser produto das atividades necessárias ou recreativas, mas são quantitativamente proporcionais à frequência com que se realizam as atividades opcionais e, portanto, à qualidade do espaço exterior. Envolve variadas formas de comunicação - passiva ou ativa.

Além dos critérios de classificação de atividades, serão observados e analisados em sua adequação que tipos de efeitos as condicionantes do espaço incentivam: *agrupar ou dispersar, integrar ou segregar, atrair ou repelir, abrir ou fechar*.

A elaboração da etapa *g* e do projeto efetivamente somente poderá ser iniciada após a realização das observações - processo que não deve ser concluído,

²² GEHL, J. La humanización del espacio urbano: la vida social entre los edificios. Barcelona: Editorial Reverté, 2006.

mas estar em constante operação, de modo que não sejam perdidos detalhes relevantes não captados anteriormente.

5.5 CONSIDERAÇÕES

A elaboração do projeto buscará sempre atingir o maior grau de realismo possível, procurando não aplicar elementos extremamente dispendiosos, e atuar com base nas condições existentes. A exclusão de aspectos essencialmente utópicos incrementa a qualificação do projeto no sentido de contribuição para o estudo de possíveis soluções para as questões envolvidas.

Além disso, será sempre perseguido o ideal de sustentabilidade, tanto no que diz respeito ao incentivo de iniciativas conscientes dos usuários do espaço, quanto na escolha dos materiais empregados no projeto e na redução do impacto sobre os recursos naturais disponíveis, tentando promover a recuperação de espaços ambientalmente degradados.

Outro aspecto a ser observado é a garantia de acessibilidade aos portadores de deficiência física, abrangendo não apenas às deficiências relacionadas à locomoção, mas à visão e audição, promovendo por meio do projeto, estímulos sensoriais variados, que resultarão no enriquecimento da percepção da paisagem também pelos usuários que não são portadores de deficiências.

6 CONCLUSÃO

A Universidade Federal do Paraná (UFPR) constitui-se em um elemento chave na Cidade de Curitiba, ícone de sua história e instituição arraigada na identidade de sua população, fonte de conhecimento e de confiança e motivo de orgulho para os curitibanos e todos os seus beneficiários diretos e indiretos.

A partir desse espírito e aproveitando o momento histórico do centenário da universidade, propõe-se o Projeto de Requalificação Paisagística do Centro Politécnico da UFPR de forma a despertar uma reflexão acerca do papel da universidade na formação do pensamento e na contribuição para a sociedade. Faz-se necessário o resgate dos valores e da história da UFPR de maneira que isso se faça visível no cotidiano da comunidade acadêmica. Nesse ínterim, a disponibilidade de espaço de que a instituição dispõe se torna convidativo a essa atividade, não apenas por sua abundância, mas também por estar inserido de forma muito próxima aos beneficiários diretos da universidade.

No intuito de realizar esse resgate, mas tendo em vista a necessidade de manter-se a qualidade estética, a funcionalidade e a sustentabilidade do espaço em questão, pretende-se utilizar o presente trabalho como instrumento norteador da reestruturação da paisagem do Centro Politécnico. O presente TFG consiste em ferramenta para a criação de meios que vão ao encontro das necessidades universitárias, que estimulem a convivência e a interação acadêmica entre seus beneficiários diretos e que possibilitem fomentar a produção e compartilhamento de conhecimento, cultura e senso de responsabilidade para com o legado da universidade. O projeto paisagístico deve também proporcionar conforto e despertar a sensação de pertencimento ao ambiente para que haja a valorização do espaço e, por conseguinte, a colaboração espontânea comum na tarefa de proteção da universidade, possibilitando que seus valores, princípios e bens físicos possam fazer-se herança duradoura e prolífica.

7 REFERÊNCIAS

7.1 BIBLIOGRAFIA

ALEX, S. **Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2008.

BURMESTER, A. M. de O. (org.); FARACO, C. A.; MOREIRA JR.; C. A.; IMAGUIRE JR., K.; CASTRO, C. de; RIBEIRO, J. R. **Universidade Federal do Paraná: 90 anos em construção**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

COELHO, M. **Cidade do saber: 10 anos do campus Universidade Positivo**. Curitiba: Ed. Positivo, 2010.

COTRIM, G. **História Global: Brasil e geral**. 6ª ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

CURITIBA. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). Setor de Patrimônio Histórico. **Arquitetura Moderna em Curitiba**. Curitiba, 2000/2003.

FARAH, I. (org.) *et al.* **Arquitetura paisagística contemporânea no Brasil**. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2010.

GEHL, J. **La humanización del espacio urbano: la vida social entre los edificios**. Barcelona: Editorial Reverté, 2006.

GOMES, E. R. **UFPR 95 anos: Paraná séc. XX – Curitiba séc. XX – Temários**. Curitiba: [s.n.], [2007?].

GUINSKI, O. D. **Imagens da evolução de Curitiba**. Curitiba, 2002.

RAVAZZANI, C. *et al.* **Curitiba: capital ecológica**. Curitiba: EDIBRAN, 1991.

SANTOS, W. **Contestado: a guerra dos equívocos**. Curitiba: Ed. Record, 2009.

SUTIL, M.; GNOATO, S. **Rubens Meister: vida e arquitetura**. Curitiba: Factum; Travessa dos Editores, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Prefeitura da Cidade Universitária. **Plano Diretor: diretrizes para ocupação dos espaços da UFPR**. Curitiba, 2011. Impressão.

XAVIER, A. **Arquitetura moderna em Curitiba**. São Paulo: Pini; Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1985.

7.2 WEBGRAFIA

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Disponível em:
<<http://www.curitiba.pr.gov.br>>. Acesso em: 19/05/2011.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA (IPPUC).
Disponível em: <www.ippuc.org.br>. Acesso em: 19/05/2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 19/05/2011.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL
(IPARDES). Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br>>. Acesso em: 19/05/2011.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Disponível em:
<<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 19/05/2011.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD).
Disponível em: <<http://www.pnud.org.br>>. Acesso em: 19/05/2011.

INSTITUTO DAS ÁGUAS DO PARANÁ. Disponível em:
<<http://www.aguasparana.pr.gov.br>>. Acesso em: 19/05/2011.

PETER WALKER AND PARTNERS LANDSCAPE ARCHITECTURE. Disponível em:
<<http://www.pwpla.com>>. Acesso em: 21/05/2011.

THE UNIVERSITY OF TEXAS AT DALLAS. Disponível em:
<<http://www.utdallas.edu>>. Acesso em: 21/05/2011.

U.S. CENSUS BUREAU. Disponível em: <<http://www.census.gov>>. Acesso em:
21/05/2011.

WHEATHER BASE. Disponível em: <<http://www.wheatherbase.com>>. Acesso em:
21/05/2011.

DALLAS OBSERVER. Disponível em: <<http://blogs.dallasobserver.com>>. Acesso
em: 21/05/2011.

UNIVERSIDADE POSITIVO Disponível em: <<http://www.up.com.br/up>>. Acesso em:
28/05/2011.

GAZETA DO POVO. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br>>. Acesso
em: 28/05/2011.

8. ANEXOS